



Universidade de Évora - Escola de Artes

Mestrado em Práticas Artísticas em Artes Visuais

Trabalho de Projeto

**Respigar como prática artística: a recolha e ressignificação
do lixo com a linguagem da assemblage.**

Isabel Saraiva Gaspar Guedes

Orientador(es) | Luís Afonso

Évora 2025





Universidade de Évora - Escola de Artes

Mestrado em Práticas Artísticas em Artes Visuais

Trabalho de Projeto

**Respigar como prática artística: a recolha e ressignificação
do lixo com a linguagem da assemblage.**

Isabel Saraiva Gaspar Guedes

Orientador(es) | Luís Afonso

Évora 2025



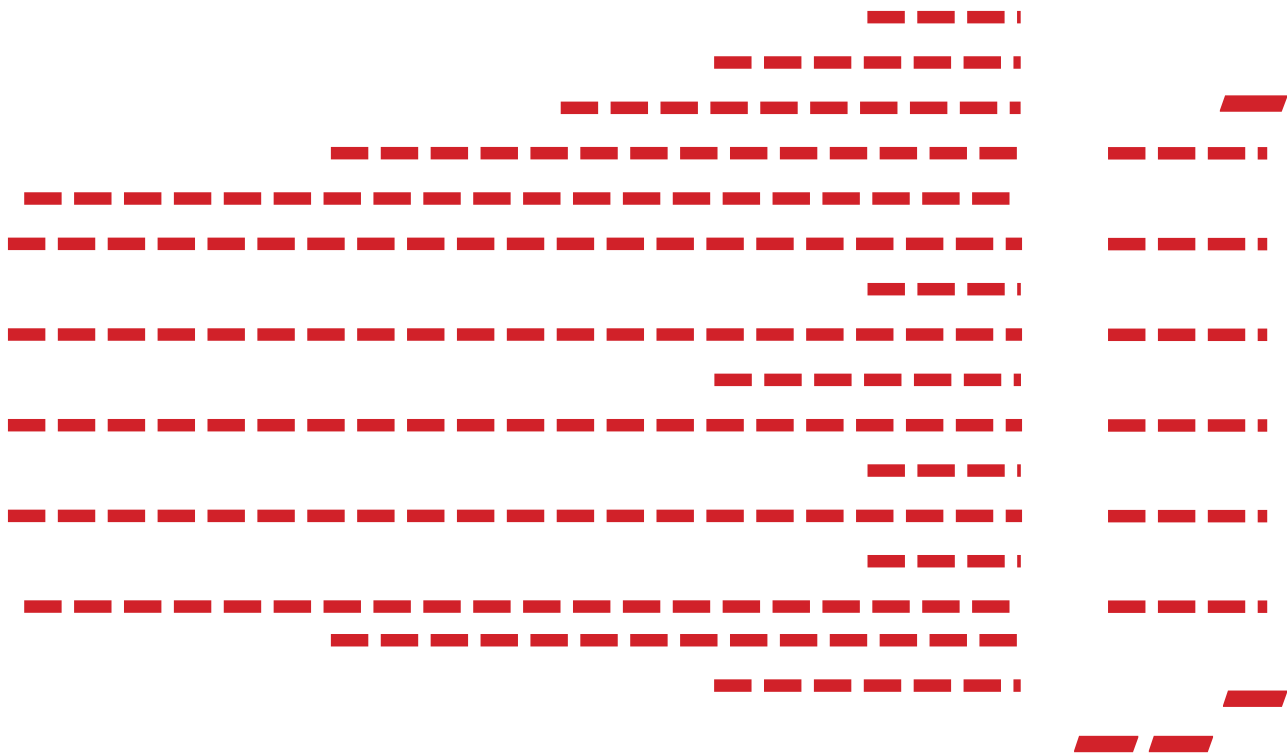


O trabalho de projeto foi objeto de apreciação e discussão pública pelo seguinte júri nomeado pelo Diretor da Escola de Artes:

Presidente | Vítor Manuel Gomes (Universidade de Évora)

Vogais | Luís Afonso (Universidade de Évora) (Orientador)
Manuela Cristóvão (Universidade de Évora) (Arguente)

"Trash will speak, and in a nice way" - Lélia Gonzalez



"A mãe Terra é a mãe de todas as lutas" - Sônia Guajajara

Agradecimentos

À principal artista que me deu lições de aprender e desaprender a arte, a minha mãe Karla. À Amanda, minha irmã pelo apoio e por me inspirar tanto com a sua dedicação e carinho. A toda a minha família, por tudo o que fizeram para me ajudar na construção de um novo horizonte na minha vida. À Dona Ló, pelas lições de sabedoria e força. À Karmen, pela confiança e generosidade de acolher os meus planos. Ao Kássio pela sua leveza de levar a vida. Ao Kassílio, por tanto que me inspirou a ser quem sou. À Márcia, por se ter dedicado tanto em me fortalecer. À Kassia e Nem, pelas lições de matemática que, graças a Deus, nunca me deram, aos primos Luísa, Arthur, Guilherme e Gabriel por tantos momentos gostosos vividos. À Cláudia que teve sempre delicadeza de me ouvir e acalmar o meu coração. À amizade de mulheres incríveis, Anna Terra, Larissa Caminhas, Marianna Ottoni e Marci Silva pelos momentos que me confiaram e me proporcionaram força para continuar. Aos professores Luís Afonso e Teresa Furtado pelo compartilhamento do saber e momentos preciosos de ensino. Ao Alexandre, Mel e Nina, que me ensinaram tanto e me fizeram ver mais profundamente a vida. Ao João e à sua família por me fazerem tão feliz e me ajudarem a compreender o amor e o universo de uma forma transcendente.

Respigar como
prática artística:

a recolha e
ressignificação
do lixo
com a
linguagem
da assemblage.



Respigar como prática artística: a recolha e ressignificação do lixo com a linguagem da assemblage.

Resumo

O presente relatório é um trabalho desenvolvido em torno da prática artística de uma mulher em contato com a rua, de um corpo feminino e imigrante traçando caminhos pelas cidades e sua decisão de coletar fragmentos abandonados pelas esquinas e dar-lhes uma nova forma de interação com planeta. Durante esse processo são produzidas reflexões, divagações e andarilhagens em torno do meu ponto de vista artístico de atuar no mundo. O foco deste é especificamente a série de trabalhos nomeada “Porque vocês não sabem do lixo ocidental?”.

De quais maneiras é possível pensar o ato de respigar e resinificar fragmentos encontrados nas ruas e calçadas como uma prática artística identitária? Como o lixo pode também ser parte integrante de quem nós somos? O lixo é também retrato, fragmento de nossa sociedade? Como, através da arte de transformar resíduos, é possível tecer narrativas identitárias?

Explorar e refletir sobre a relação com o espaço urbano, a partir da experiência pessoal, também sobre a prática artística de respigar e resinificar de resíduos, investigando suas interseções com questões relacionadas com a identidade, a gênero, e a questões de cunho social de um ponto de vista crítico e poético.

A metodologia desta pesquisa mescla a sensibilidade de minha prática artística, e alguns dados, textos e reflexões de diversos sujeitos sobre assuntos paralelos aos meus apontamentos, tecendo assim redes de comunicação entre diversas áreas do conhecimento, é uma narrativa simples e com uma pitada de novas possibilidades de investigação nessa área do conhecimento.

Palavras-chave

Caminhar, Lixo, Respigar, Assemblage; Identidade

Gleaning as an artistic practice: the collection and resignification of waste through the language of assemblage.

Abstract

This report is a work developed around the artistic practice of a woman in contact with the street, of a female and immigrant body tracing paths through the cities and her decision to collect fragments abandoned on street corners and give them a new form of interaction with the planet. This process produces reflections, ramblings and wanderings around my artistic point of view of acting in the world. The focus here is specifically on the series of works called "Why don't you know about Western garbage?".

In what ways is it possible to think of the act of gleaning and resignifying fragments found on the streets and sidewalks as an artistic identity practice? How can garbage also be an integral part of who we are? Is waste also a portrait, a fragment of our society? How, through the art of transforming waste, is it possible to weave identity narratives?

To explore and reflect on the relationship with urban space, from personal experience, and also on the artistic practice of gleaning and resignifying waste, investigating its intersections with issues related to identity, gender, and social issues from a critical and poetic point of view.

The methodology of this research mixes the sensitivity of my artistic practice, and some data, texts and reflections from various subjects on issues parallel to my notes, thus weaving networks of communication between different areas of knowledge, it is a simple narrative with a hint of new possibilities for research in this area of knowledge.

Keywords

Walking, Trash, Gleaning, Assemblage, Identity.



Índice

Introdução	9
CAPÍTULO 1 Referências entre cruzamento de linguagens artísticas	12
1.2. Arthur Bispo do Rosário e sua delicadeza e cuidado com os fragmentos de lixo	14
1.3. Agnès Varda e seu encantamento pelo registo da sociedade	15
1.4. Vik Muniz e os seus registos de realidades cruéis ligadas a limpeza urbana	17
1.5. Hélio Oiticica e sua ousadia para pensar em formas diferentes de se pensar uma obra de arte	19
CAPÍTULO 2 Eu mulher imigrante	20
2.1. Poéticas e processos de ser artista	24
CAPÍTULO 3 A rua sob vários olhares	27
3.1. Incômodos e devaneios de um andar a pé	29
CAPÍTULO 4 O lixo como herança	32
4.1. O lixo social	
4.2. O lixo como alimento	60
CAPÍTULO 5 Respigar como procura de identidade	45
5.1. Respigar como prática eco feminista	46
CAPÍTULO 6 A linguagem da assemblage como prática artística	48
6.1. A assemblage como linguagem no meu percurso artístico	50
CAPÍTULO 7 Relatos de uma artista	57
7.1 “Porque vocês não sabem do lixo ocidental?”	62
Bibliografia	68
Anexo	75

Introdução

De quais maneiras é possível pensar o ato de respigar e resinificar fragmentos encontrados nas ruas e calçadas como uma prática artística identitária? Como o lixo pode também ser parte integrante de quem nós somos? O lixo é também retrato, fragmento de nossa sociedade? De que modo o lixo tem sido utilizado na arte contemporânea para tratar de questões identitárias?

O objetivo da minha investigação artística foi pensar, criar, e principalmente aceitar o lixo. Sonhar com ele, com suas potencialidades, cores, brilhos. Permitir o contato, a comunicação dos resíduos com minha própria subjetividade, encontrar diálogos deles com meu imaginário, deixá-los dançar, remexerem nas composições criadas, deixar o lixo falar.

Vi que isso é possível, sem pretensão, apenas deixar espaço para o que foi rejeitado falar, sem esconder ou camuflar, para que quem ele é como objeto não perdesse a identidade. Apresento neste trabalho resíduos que foram abandonados nas ruas de Évora, Lisboa, Bruxelas e Badajoz.

Enquanto escrevo esse trabalho o mundo sofre mudanças no clima alarmantes, e no mundo todo vemos ainda os impactos da colonização nos países mais pobres do planeta, e extremo impacto em todo globo. Estamos vivendo de fato em um planeta cada vez mais poluído e cheio de rejeitos que fazem mal a toda natureza descontrolam o ecossistema global.

No capítulo 1, primeiramente faço uma breve pincelada das referências artísticas que envolvem meu percurso. Essas influências serviram como alicerces, iluminando o caminho para a criação dos trabalhos artísticos, passeio por elas descrevendo linhas de pensamento artístico em que o meu olhar se volta, tento criar uma relação dos artistas com algo relevante para onde e como se encontra minha atual produção.

No capítulo 2, faço uma descrição pessoal, um apanhado geral de minhas lutas, devaneios e dores, além de algumas pesquisas que foram realizadas ligadas a identidade feminina, a voz de uma imigrante, e a minha própria subjetividade.

No capítulo 3, um texto autobiográfico, desvendo minhas inquietações, dores e lutas enquanto mulher, artista e imigrante.

No capítulo 4, exploro alguns pontos de vista a respeito da cidade, elevando a andarilhagem a um método investigativo, permitindo uma interação diversa do espaço urbano. O ato de caminhar desdobra-se em uma exploração de perspectivas filosóficas, literárias, críticas, históricas e sociológicas.

No capítulo 5, abordo a temática do “lixo”, trazendo elementos históricos sobre a limpeza das cidades, e de que forma podemos refletir sobre a palavra e suas várias possibilidades interpretativas.

No capítulo 6, depois o ato de respigar é também objeto de estudo neste relatório, como uma prática que emerge como um ato simbólico de busca identitária por quem sou. Trago explicações e divagações sobre a ação de respigar.

No capítulo 7, investiguei a linguagem artística visual da assemblage, revelando sua história, características e peculiaridades.

E finalmente, no capítulo 8, finalizo-o, com um texto poético explicativo sobre a série de trabalhos “Porque vocês não sabem do lixo Ocidental”

Foi realizada uma seleção de referências artísticas relacionadas a meu percurso artístico e com as quais me identifico e pude me inspirar na elaboração da presente série de trabalhos desenvolvidos durante o decorrer da pesquisa. Depois há uma breve auto descrição, descrevendo minhas inquietações, dores e lutas como mulher, artista e imigrante. Em seguida, desenvolvo a temática relacionada com o caminhar, e a andarilhagem como um processo importante para minha prática artística, são explorados diversos olhares sobre temáticas relacionadas com a cidade, esses ligados à filosofia, à literatura, à crítica, à história e à sociologia. Conseqüentemente entro em uma temática densa, mas de extrema importância para o trabalho, voltada para os resíduos, principal matéria-prima para a minha prática artística, foram realizadas reflexões com base na expressão “lixo”, e deslocamentos da mesma para áreas ligadas a questões sociais, ambientais e comportamentais relacionadas a sociedade de consumo. Conseqüentemente trago a descoberta do ato de respigar, um fazer que transforma minha visão e prática durante as caminhadas pela cidade, menciono o ato como uma prática de procura de identidade e revelo-a como uma prática também eco feminista. Posteriormente acrescento neste relatório, algumas informações sobre a linguagem artística da assemblage, a história desta, características e peculiaridades da mesma. E finalmente entro na série de trabalhos destacada aqui, “Porque vocês não sabem do lixo Ocidental?” apresento-a de forma a abrir espaço para interpretação de sua exibição, é feito então, um simples relato de artista sobre a série de trabalhos feitos com o lixo, e reflexões sobre a mesma.

CAPÍTULO 1

Referências entre cruzamento de linguagens artísticas

Sempre que nos deparamos com uma obra de arte que nos desconcerta e nos preenche, quando nos faltam palavras e nos reconhecemos na obra, nossos olhos, mentes e ouvidos são hipnotizados pelo seu contato. Refiro-me a encontros raros, que nos aproximam da alma, trazendo paz e um fogo ardente ao coração. Esses encontros nos emocionam e nos fazem agradecer aos céus pela partilha e confluência, frutos de uma ligação misteriosa. Há algo enigmático que conecta nosso ser à obra, como se houvesse uma conexão divina, um diálogo profundo entre nós e o objeto, como amantes enamorados. Talvez o acaso conduza nossos encontros pessoais com as linguagens artísticas e seus mestres. Essa observação vale para todas as formas de arte: visuais, música, literatura, teatro, cinema, dança e poesia.

É importante perceber que esses encontros, muitas vezes, envolvem artistas diferentes de nós. Às vezes, as obras nos encontram por acaso, seja numa pesquisa de biblioteca, passeando pela cidade, ou numa visita a um museu ou galeria. Quando nos distraímos, e nos dispusermos a tomar um café com elas, irão nos envolver. Sem dúvida, não cabe a mim dissecar o mistério das auras desses encontros, que estão nas raízes e entranhas da arte, desde que ela nem recebia essa denominação, com a ausência de linguagem escrita, falada, ela já existia e promovia centenas de milhares desses encontros ao longo do globo, transcendendo almas e corpos para a contemplarem a incerteza da vida e dos seus mistérios.

Poderia começar citando referências, textos, filósofos, educadores, pessoas e artistas que influenciaram minha produção. Acho que falar de referências artísticas é falar também do que somos constituídos, das paredes que nos estruturam, e do combustível que nos faz persistir enquanto ser criador. Portanto inicialmente preciso mencionar a influência da educação artística que recebi desde cedo, especialmente da minha mãe, Karla Guedes, também artista visual. Essa educação me abriu novas formas de pensar a criação e o fazer artístico.

Lembro-me de acordar à noite e vê-la pintando de madrugada. Ela trabalhava o dia todo dando aulas de arte e pintava nas horas vagas, desafiando as leis da gravidade com telas grandes num cômodo pequeno do nosso apartamento. Karla usava tinta a óleo diluída com óleo de banana, e lembro-me do cheiro da mistura e das belas aquarelas que pintava para presentear amigos e familiares. Uma de suas obras, criada durante aulas de pintura em Itambacuri-MG, retrata as ruas de terra da cidade e o horizonte distante, representando o sol forte e a vegetação local.



Fig. 1 - Pintura da artista Karla Guedes, 1987, Itambacuri, Minas Gerais, Brasil.

Ela me levava para exposições de arte, concertos, e me envolvia nos projetos artísticos da escola pública onde trabalhava. Karla se recusava a me ensinar técnicas, dizendo apenas que eu deveria criar meu próprio universo e minha própria forma de representar o mundo.

A dificuldade de escolher artistas para relacionar com minha produção vem do facto de gostar de várias linguagens artísticas e me identificar com artistas diversos. Durante meus seis anos e meio na academia, obtive diploma em artes gráficas e educação artística, e quase completei uma formação em gravura em metal. Meu percurso como artista visual começou com a arte de rua, uma paixão de infância que floresceu e resultou em trabalhos, parcerias e convites generosos de instituições e museus da minha cidade.

Menciono essa trajetória para explicar minha crença e aventura por diversas linguagens artísticas. Acredito que, na sociedade em que vivemos, é saudável que essas linguagens se comuniquem constantemente dentro de nós, expressando nossas inquietudes e desavenças com o mundo.

Por fim, decidi mencionar artistas com os quais tive encontros emocionantes na minha vida, que me fortaleceram e cujos trabalhos me apoiaram em meus questionamentos e no meu fazer artístico. Nestas descrições, tento apontar como foi esse primeiro contato com eles e os frutos que colhi para meus trabalhos.

1.1. Arthur Bispo do Rosário e sua delicadeza e cuidado com os fragmentos de lixo

Tive oportunidade de conhecer a personalidade de Arthur quando ainda estava cursando o ensino secundário, em uma classe de história, em que estudamos brevemente a história da luta anti manicomial. E a professora construiu conosco um teatro para se refletir sobre pessoas com doenças mentais, Arthur Bispo assim como outros artistas eram os personagens dessa peça teatral, que fez parte de uma exposição sobre a loucura promovida por essa professora de história na escola. Estudamos bastante Arthur nessa cadeira, tivemos de fazer textos sobre suas obras.

Em 2012, quando já estava cursando a licenciatura em artes visuais, graças ao convite de minha mãe, tive oportunidade de ver suas obras pela primeira vez em uma Bienal de São Paulo, era uma série gigante de obras de Arthur Bispo do Rosário, inclusive a obra “O manto”. Foi a primeira vez que me emocionei em uma exposição de artes visuais, as tantas lágrimas que teimaram cair sob meus olhos, como se meu ser estivesse numa dança, envolta por músicos e Arthur a dançar e a abençoar a festança.

Ver as obras de Arthur me faz entender a arte, como uma mística, como algo transcende, Arthur nos proporciona experimentar uma gota do oceano, do espírito da arte, essa que em seus trabalhos e sua vida está extremamente conectada à vida, ao cotidiano e a essência de um sujeito contemporâneo.

Arthur, nordestino, sergipano, natural da cidade de Japaratuba, nasceu no ano de 1909, e pouquíssimo se sabe sobre os anos que antecederam sua entrada na Marinha, na capital de Sergipe, onde permanece por nove anos. Entre o boxe e empregado de uma empresa como vulcanizador, Bispo sofre um acidente, em 1936, com um veículo que esmaga seu pé. Processa a empresa responsável pelo veículo, e é acolhido na casa do seu advogado, onde permanece sendo faz-de-tudo do casarão. É lá, em 1938, que passa a escutar vozes que diziam, segundo ele, que era o enviado de Deus na terra. Passa então por um processo complicadíssimo de diagnóstico de esquizofrenia e internação em um manicômio da cidade carioca. Bispo foge algumas vezes deste, chega até a ser preso, e só em 1964 fica de um modo mais definitivo na Colônia Juliano Moreira, no Rio de Janeiro. E neste momento, é confrontado com vozes que sugerem a construção de sua obra, e que nessa revelaria sua divindade. Ele assim se tranca durante sete anos em um quartinho, no fundo do manicômio, é lá que aproveita o lixo, e todos os materiais desprezados pela colônia, utiliza uniformes dos internos para desfiar e conseguir bordar, constrói obras com objetos cobertos de linhas, obras com chávenas, pratos, sandálias velhas.

Toda obra de Bispo carrega a cultura popular e também a cultura das culturas do mundo. Ele constrói obras em que podemos identificar relações com as culturas africanas e suas matrizes religiosas. Ao mesmo tempo que escuta vozes relacionadas com aspectos cristãos. Bispo também parece ter um conhecimento da arte moderna, cria uma roda muito parecida com a de Marcel Duchamp, feita em 1913. Seus bordados são complexos e de dimensões surpreendentes.



Fig. 2 - Escultura de Arthur Bispo do Rosário, Sem Título [Grande veleiro) Montagem, carpintaria, escrita, revestimento, bordado, costura, pintura e perfuração.

1.2. Agnès Varda e seu encantamento pelo registo da sociedade

Acho que o que mais me encanta nas obras de Agnès, é a forma poética como ela abraça o acaso, ela faz dele encantamento. Varda era belga, com origens gregas e francesas, a artista se desenvolveu como cineasta e artista entregue a linguagem fotográfica. Seu percurso foi extremamente peculiar, envolvendo a relação de seu ser enquanto mulher com o mundo ao seu redor, ela desconstrói as barreiras entre documentário e a ficção e debruça-se sobre as questões sociais, ecológicas e feministas. O amor da artista transcende a câmara, somos convidados a entrar em cena, recebemos o convite da própria artista para sermos parte da obra, não somos excluídos por meio dela.

Durante a fase da confecção dos primeiros trabalhos de criação com o lixo, me deparei com a artista e cineasta francesa, Agnès Varda, em “Les glaneurs et La glaneuse” (Os respigadores e a respigadora). Agnès Varda, no documentário, fizera uma releitura de um quadro de Jules Breton, “La glaneuse”, de 1877, a cineasta resgata a imagem de uma respigadora que fora retratada sozinha, esta leva consigo, nos ombros, o que era capaz de suportar em seu corpo, trigo, mas parece carregar mais do que isso, parece carregar o

fardo de um mundo excludente, e cada vez mais deficiente de recursos naturais. Breton sobre o olhar de Agnès, uma lembrança de um valor incalculável, um registo de uma vida de sobrevivência baseada

Na recolha e no reaproveitamento dos restos, do que é rejeitado e invisível aos olhos do mundo. Agnès grava pessoas que ainda praticam o respigar, seja como necessidade, ou como uma forma de ajudar as pessoas que necessitam desses alimentos para sobreviver, são mães solteiras, pessoas desempregadas, sem casa, sem condições de comprar comida, que fazem do lixo seu próprio banquete. A artista recolheu depoimentos, imagens e reflexões de pessoas que catam restos no campo e também na cidade. Ela poeticamente respeita o contexto em que esses sujeitos se inserem, com seu ponto de vista, afirma e reafirma a presença desses ainda na sociedade, não só no campo, mas também nas grandes cidades, seja resgatando alimentos, seja resgatando objetos e seus fragmentos.



Fig. 3 - Agnès Varda, *Glaneurs and I*, 2000.

1.3. Vik Muniz e os seus registos de realidades cruéis ligadas a limpeza urbana

Tive oportunidade de conhecer Muniz numa exposição, em minha cidade natal, Vik, nesta apresenta obras fotográficas feitas com restos de comida. E em menos de dois anos após essa exibição que estive presente, Vik lançou o documentário “Lixo Extraordinário”.

O filme é um documentário e se expressa artisticamente, quando volta o olhar para o ser humano, ele se passa no maior lixão a céu aberto do mundo, localizado na região do Rio de Janeiro, Jardim Gramacho. Vik encontra pessoas que cuidam, que dedicam sua existência a esse trabalho. Pessoas que desde crianças trabalham retirando os materiais recicláveis do lixo orgânico, e essas expõem um pouco de suas peculiaridades, memórias de suas vidas, do porque foram começaram a trabalhar nesse sítio, Vik busca enfatizar os e anseios desses trabalhadores, retratando cenas de pobreza, falta de dignidade e saneamento. E sem dúvida perceber qual é o significado da palavra “lixo” para eles, uma vez que é com esse lixo que criam suas famílias e constroem suas vidas.

Vik abre espaço para que esses trabalhadores do lixão pudessem contar sobre suas famílias e alguns contam sobre suas lutas e particularidades, e colocam esse lugar, o lixão, como refúgio em meio a falta de dignidade e da dificuldade de ter outra fonte de subsistência em meio a pobreza e opressão social.

Quando estive a trabalhar como professora de Artes nas escolas públicas de meu município Natal, apresentava-o aos meus alunos, muitos dos quais tinham membros de suas famílias que eram coletores ou às vezes eles próprios trabalhavam com a coleta desses materiais recicláveis nas ruas, era nítida a identificação deles com o documentário de Muniz, pois nele retrata uma realidade que é a de milhões de brasileiros, ele mostra uma proximidade com as áreas mais carentes e degradadas socialmente, uma proximidade muitas vezes rara na maioria das linguagens artísticas contemporâneas.

O filme é uma obra relevante para o pensamentos e reflexões sobre os resíduos, as variadas vezes em que o assisti pude compreender e aprender a importância de se respeitar os materiais que estão jogados e inutilizados. Me identifico com esses trabalhadores do lixão, também eu, me refugio nessa atividade marginalizada, o meu olhar é voltado para o lixo pois sou eu também lixo para tantos e tantas, me faz volver meu olhar de sujeito intransponível para os objetos que são me ofertados pela natureza, pelo acaso e pelo tempo e dar a eles, restos batismo e bênção.



Fig. 4 -Jardim Gramacho, cena capturada do filme Lixo Extraordinário, 2010.

O que mais me inspira nessa obra de Muniz são os testemunhos dos trabalhadores coletores de materiais recicláveis. Lembro-me de uma senhora entrevistada por Muniz, no meio do lixão, cuidando de panelas grandes, essas sob o fogo. Ela conta que cozinha com prazer em meio aquele contexto, que gosta de estar a preparar uma refeição para os trabalhadores e que ali ninguém passava fome. Ela exerce a sua profissão de cozinheira, com orgulho, em meio a tantas dificuldades e desafios.

1.4. Hélio Oiticica e sua ousadia para pensar em formas diferentes de se pensar uma obra de arte

Não me lembro ao certo quando tive meu primeiro contacto com a obra de Oiticica, só sei que era criança, minha mãe sabia do meu interesse e fome pelas artes e estava sempre a espalhar migalhas de coisas interessantes que via, me convidava discretamente para ir a exposições na escola onde trabalhava que ela organizava, já criança minha mãe já havia me contado algumas coisas e mostrado alguns trabalhos de Oiticica. Mas em 2011, como aluna do secundário, fui ao museu Inhotim, a cerca de duas horas da cidade em que vivia, Belo Horizonte, Minas Gerais. Neste há expostas várias obras do artista, e uma galeria denominada “Cosmococa”, de 2010, roubou minha atenção e me hipnotizou, uma vez que lá nós somos a obra, nossa interação com o espaço proposto por Hélio é obra. Há uma piscina em que se pode nadar, há redes em que se pode deitar, há sala com trampolins acolchoados e muitas almofadas, na qual se pode brincar de arremessar as almofadas uns para os outros, nossos movimentos, danças e performances são parte integrante da obra.

Carioca, Hélio Oiticica, teve por opção de seu pai, uma educação homeschooling, realizada também por seu pai. Hélio estudou artes em uma escola de um mestre das artes visuais, Ivan Serpa no MAM (Museu de arte moderna do Rio de Janeiro). Foi no envolvimento com a comunidade da Escola de Samba do morro da Mangueira como passista que o artista desenvolveu sua obra mais famosa “Parangolé”, chamada pelo próprio artista de “antiarte por excelência”.

Mas quero evidenciar uma construção feita por Oiticica, que não envolve pinturas nem construções escultóricas, quero citar o “Delirium Ambulatorium” criado por ele, primeiramente citado para se referir a uma certa euforia de andar pelas ruas da cidade de Nova Iorque, e ao retornar ao Brasil, em 1978, Hélio construiu outras dimensões desse delírio. Hélio se alinha ao conceito de “psicogeografia” e deriva, de Guy Debord, autor da obra “A Alma dos lugares”, que direciona a área a conceitos de memória, afetividade e comportamento.

Ele identifica aspetos na cidade ligados a uma construção peculiar de um vagar pela cidade, na tentativa de criar relações fluidas entre a paisagem e seu corpo, dialogando com o público. O andar a vadiar pela cidade, cheio de trajes improvisados ou não, em performances, percorrendo caminhando diferentes lugares da capital carioca, inclusive sítios mais periféricos, recolhendo pedaços de asfalto da avenida Presidente Vargas, água da praia de Ipanema, areia, pedras e terra do Morro da Mangueira, os quais foram nomeados por ele “fragmentos--tokens”, pedaços simbólicos do percurso por ele proposto.

CAPÍTULO 2

Eu mulher imigrante

Há uma ave no Cerrado brasileiro, conhecida como andarilho. “Andarilho” é uma palavra que descreve aqueles que fazem grandes deslocamentos. O Cerrado é um bioma vasto, e este pássaro está ameaçado de extinção, principalmente devido à deterioração e ocupação de seu habitat natural. Em um país sulista e americano, nomeado Terra de Santa Cruz pelos colonizadores portugueses, sou andarilha. Minhas pernas sustentam um coração miscigenado. Sou de uma terra de serras e minas, longe do mar, mas repleta de cachoeiras, nascentes e rios formosos.

Minha família vem de uma região árida, perto do majestoso Rio São Francisco, que banha e alenta a vida dos moradores dos Vales do Rio Doce, até se encontrar e se fundir com o mar. A cidade de minha mãe, Itambacuri, com menos de trinta mil habitantes, foi colonizada por italianos que catequizavam os indígenas locais. Itambacuri significa “rio de pedras”.



Fig. 6 - Fotos tiradas de vários sítios da cidade de minha família, 2021, Itambacuri, Minas Gerais, Brasil.

Mas a redatora, artista que está a apresentar esse relatório, apesar de usar como nome artístico “Bel Morada” tem o nome assinado em seus documentos de Isabel Saraiva Gaspar Guedes e nasceu na capital do estado de Minas Gerais, em uma cidade grande, com um horizonte belo, com montanhas e serras permeadas de metais, mas a verdadeira pedra preciosa de seu sítio Natal é o povo e sua cultura. Vivi a minha infância em um condomínio popular, bem modesto, o qual acolhia mais de duzentas e quarenta famílias. Sou enraizada e habitada pelas memórias deste lugar simples, que florescem e chovem sobre minhas florestas interiores.

Com a alma em diáspora, ao encontro do vento migrante, sou forasteira, pesquisadora de minúcias, fora do ninho. Sou terra, sou terras, sou um corpo pardo, povoado por saberes singelos de uma cultura vermelha, negra e mística. Carrego minha pátria sem ilusões, sem bandeira, carregando a pluralidade do meu povo, permitindo que ela me geste a cada dia.



Fig. 7 - Montagem feita com uma fotografia de infância e ampliação de um trabalho pessoal.

Toda terra canta uma canção canta e dança sem querer
sobre as chuvas de nossas lágrimas
Toda terra tem um samba-enredo sem fim
e certamente
toda terra tem sorrisos tem chão e chama
tem bordado e renda gambiarras, cheiros e sabores perfumados de dor e amor
nossa terra canta uma canção (Isabel Guedes,2022)

Este trabalho surgiu da busca por segredos do mundo, procurando respostas nas ruas sujas e desordenadas, um reflexo da sociedade atual. Como estudante, migrante, mulher e artista, esses encontros são um alento, uma parte de quem sou e de quem somos, um espelho da sociedade. Este trabalho me fez acordar à noite, assustada, sem saber onde estou, com lapsos de memória do meu quarto no Brasil. Portugal agora é minha casa, e a angústia de estar longe de minha terra natal invade meu corpo. Não queria falar do que me falta, mas esse silêncio não anula minha saudade, que transpassa minhas horas e meus dias.

O silêncio da minha presença persevera ao sol da ausência de quem amo, minha família e amigos. Sinto falta de lecionar, de comer açaí, de tomar água de coco, e da comida feita por minha mãe. Estou em obras, construindo meus altares, criando um macramê com minhas experiências sagradas.

Sob ventos, lembranças, novas ciências e filosofias, mato a saudade de minha mãe ouvindo suas músicas, vendo coisas que me lembram dela nas vitrines e azulejos, e percebo sua força nas cegonhas alentejanas protegendo seus ninhos.

Minha oferenda a saudade
Ofereço-a aos céus negros e infindos
Há estrelas que vem todas as noites buscá-la
A saudade que se deita sob minhas inverdades e vontades é tudo que mais tenho
a saudade (Isabel Guedes, 2022)

Cresci com minha mãe e minha irmã, construimos juntos nosso lar. Nós três inventávamos brincadeiras, sonhávamos com dias mais justos, escutávamos os desconfortos umas das outras e enfrentávamos aos desafios diários que nos eram impostos. Três mulheres, Karla, Amanda e Isabel, lutando sem descanso, ainda que silenciadas e molestadas.



Fig. 8 - Montagem de diversas fotos autorais e algumas do arquivo de minha família, data desconhecida

Ser mulher em qualquer parte do mundo é conviver com a dor frequente de ser menos-prezada e objetificada. Sofremos a dor de sermos quem somos diariamente, garantindo nossa voz, vontade e verdade. O patriarcado interfere em nossas vidas, nos convertendo em meros objetos. Como mulheres migrantes de uma ex-colônia, carecemos de espaço para expressão e reflexão, de liberdade para sonhar com um futuro mais pacífico e igualitário. Somos vistas como o outro, intimamente colocadas de lado, ocupando papéis secundários.

Já nós, mulheres imigrantes, enfrentamos um lugar ainda mais crítico. Somos latino-americanas de sangue colono, suspeitas, controladas, marginalizadas. O mundo não nos oferece as mesmas possibilidades, roubando-nos direitos e distorcendo nossos seres. Somos hipersexualizadas e deslegitimadas.

Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. (Carneiro, 2003,1)



Fig. 9 - Autorretrato, Tinta-da-china sobre vidro, 2019, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

A sociedade em que nos inserimos, essa ocidental, de grandes ambições e orgulhos pelas conquistas territoriais da África, Américas e Oriente, certamente distorce a história dessa colonização, uma vez que se apresenta como cultura dominante, e é sempre essa que detém o poder e o domínio da linguagem, da suposta verdade. Utilizam um discurso romantizado da colonização para ensinar as gerações de crianças e jovens, de uma colonização boazinha e pacífica de seus povos nativos. Silenciando a parte oprimida, a mais pobre, nós colonos, nossos antepassados, provocando o apagamento de tantas centenas de milhares de identidades, em sua grande parte mulheres, tantas indígenas, negras, desfavorecidas de poder que mais sofreram e morreram nesse processo.

Because I, a mestiza, continually walk allt of one culture and into another, because I am in all cultures at the same time, alma entre dos mundos, tres, cuatro, me zumba la cabeza con o contradictorio. Estoy norteada por todas las voces que me hablan simultaneamente. (Anzaldúa, 1987, 99)

Boa parte do que vejo e ouço como referência no exterior do Brasil, não representa onde nasci e cresci, vejo incontáveis distorções, que todo brasileiro tem de saber sambar, que todas mulheres têm corpos magros e bronzeados.

Ouçó muito dizer, em Portugal, que no Brasil é falado brasileiro. Mas, falamos português, falamos a mesma língua falada em Portugal. Se falássemos brasileiro mesmo falaríamos línguas indígenas também, mas fomos colonizados, domesticados a falar a língua portuguesa, nossa língua mãe é, na verdade, as centenas de línguas indígenas de nossas terras, cuja maioria já foi apagada e esquecida pela colonização portuguesa. Assim como nos Estados Unidos hoje se fala inglês, falamos em nossa maioria o português brasileiro. O fato da língua ter se desenvolvido em outro sítio não muda a essência dela, continua sendo a língua portuguesa. Quantas mulheres imigrantes, pobres, marginalizadas, mães, idosas cabem nas políticas públicas do ocidente?

2.1. Poéticas e processos de ser artista

Escolhi ser artista desde o fim da adolescência, desiludida com as ciências e a matemática. A língua portuguesa e a filosofia me encantavam, mas me refugio nas artes para entender o mundo, e aceitar as indeterminadas respostas da vida, e os doloridos lutos cotidianos.

A minha criação artística perpassa por desembarcar em novos horizontes de entendimento de minha história de vida. Construo pontes entre memórias e saudades, viadutos que conectam minhas ladeiras e montanhas, deste modo a criação artística surge de uma forma bem natural, deslocando-se para um ponto de vista autobiográfico e em união com as linguagens artísticas.



Fig.10- Foto em projeto artístico de intervenção urbana, final de 2019, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Fig. 11 - Foto de processo de montagem da exposição “Cidades Imaginárias”, Palácio das Artes, 2021, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Muitas vezes na minha criação, me sinto em conflito de ideias, isso causa, muitas vezes uma exaustão e um sentimento de desamparo e impotência. Mas toda criação é também conflituosa, o processo muitas vezes é permeado de dúvida, de incertezas. Pude adquirir uma leveza de quem voa e se aventura por lados bem distintos, de quem viaja por formas de expressões diversas e se sente bem em realizar estes deslocamentos.

O som de tantas ideias confunde-se como uma sinfonia delicada de quem está por encontrar o caminho de volta para casa, descubro formas de encontrar com meu eu, e realizo assim uma seleção de memórias que necessito praticar e me expressar através delas. Às vezes, esse processo é nebuloso. Mas essa névoa é importante para que eu possa entender um pouco mais quem sou e onde gostaria de chegar com minha prática artística.

Já se passaram mais de sete anos que me formei na universidade pela primeira vez, mas boa parte do que já tive a oportunidade entender e aprender sobre a arte não veio nem da academia nem das galerias ou museus, veio de tentar entender a dinâmica da natureza, de seus ciclos, de sua vasta autonomia. Nós, natureza, somos antes de tudo. Somos um organismo dinâmico e inquestionável, onde há vida e há morte, e uma vastidão impressionante de saídas, de soluções e reconstruções.

Durante a construção desse processo de maestria, tive a possibilidade de manter uma linha bem confortável de construção de meus trabalhos artísticos, o bordado, a gravura e a pintura mural, linguagens das quais já pude me deliciar e estão na minha zona de conforto.

Mas há uma inquietação profunda a viver em mim, uma inquietude que me faz cavar buracos no asfalto, que me faz construir cidades e as desmontar, que me faz divertir ao ouvir no silêncio os poemas sussurrando em meu peito. A inquietude que me habita é como se algum pássaro vivesse em mim, cantando, cantando e me desinquietando sempre.

Esse inquietante fogo me fez buscar no trabalho com o lixo algo novo, que possibilitasse me reconstruir também, me aceitar como sou. Durante os seis anos e meio de graduação na universidade, nunca aprendi a lidar com a linguagem da assemblage, nem a usar o lixo como suporte, tinta ou mancha. Essa reflexão sobre a ausência de uma abordagem sobre os rejeitos na academia só surgiu no segundo semestre do mestrado, quando comecei a criar composições e pude observar que minha escolha pela construção de uma pesquisa e de trabalhos artísticos feitos com lixo, não teve um acolhimento muito bom por parte de alguns professores e profissionais da academia. Acredito que a arte infelizmente, ainda é de maneira muito ultrapassada, circunscrita em técnicas e linguagens muito fechadas e limitantes.

Ao vir para Portugal, deixei para trás minhas tintas, suportes, tecidos, aquarelas e pincéis. Com um orçamento limitado, sentia-me sempre receosa sobre o que comprar como suporte, se era papéis de algodão, chapas de ferro, acetatos ou usar o formato digital, foi então que pesquisei muitos tipos de materiais para confecionar as obras. Porém, foi apenas nos meus encontros com a rua, observando as potencialidades dos materiais que encontrava no lixo, que comecei a refletir profundamente sobre arte, lixo e o ato de respigar.

Meu interesse por coletar resíduos tomou maior proporção após uma experiência em Miami, na Flórida, em 2022. Durante uma visita de Natal à casa de minha tia, onde ela acidentalmente descartou no lixo uma embalagem com três pares de lentes de contato. Fomos até a estação de lixo do edifício para recuperá-las. Ao chegarmos lá, mais de uma hora havia se passado, e o responsável pelo lixo nos convidou a procurá-las com ele nos contentores do subsolo do prédio. Ao vê-los abertos, fui impactada pela visão dos materiais completamente

misturados – vidro, metal, papel, material orgânico – em uma desordem caótica. Minha tia, percebendo meu desconforto, explicou que os americanos não perdem tempo separando o lixo; eles preferem investir seu tempo em fazer dinheiro.

Retornando a Portugal, angustiada e considerando abandonar meu mestrado para voltar ao Brasil, fui surpreendida ao entrar em casa e encontrar, atrás da porta da cozinha, sacos de resíduos cuidadosamente organizados: papel, plástico, metal e frascos de vidro lavados pelas minhas colegas de residência. Esse alento para Isabel transformou seu olhar, direcionando-o para os resíduos, fragmentos de lixo e objetos esquecidos.



Fig. 12 - Fotografia de um trabalho pertencente a série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2023, Évora, Portugal.

CAPÍTULO 3

A rua sob vários olhares

Visitar qualquer cidade, seja verdadeiramente, em memória, ou em sonho, faz me entender um pouco mais sobre as diversas realidades de vida, faz me aceitar melhor quem realmente sou, simples parte deste todo-poderoso povo, que germina o futuro do mundo. germina a sós. amontoado aos sábios ventos que sopram dos céus alimentos que nos fazem comungar ao mistério que somos. (Isabel Guedes, 2023)

Qualquer cidade sonha, samba e se empoeira. Carrega consigo um passado, muitas memórias, saudades, esperanças e uma dor de alma.

As cidades carregam histórias e estórias. As alamedas dos edifícios, com seus conglomerados, lutam contra os anos de abandono, sentem o peso do que já foi vivido em seus interiores. Seus jardins, agora tomados por ervas daninhas, preservam segredos, minhocas e lembranças.

As ruas são marcadas pelo sangue derramado a cada segundo de vida. Já presenciaram inúmeras andanças e sentem cócegas ao serem tocadas por carros e cães correndo por seus corpos. Nossas cidades testemunharam lutas e revoluções, por isso têm sede e fome, uma fome intensa.



Fig. 13 - Desenho e colagem de objetos diversos sobre papel, 2020, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

A terra é perfurada por túneis sem fim, como se fossem feitos por grandes minhocas. Trens de metal atravessam esses túneis com grande estrondo, deslizando sobre barras de ferro arrancadas das profundezas do chão. Por isso, o chão parece tremer constantemente, mesmo à noite. Para quem sempre dormiu no silêncio da floresta, essas vibrações são perturbadoras. Os brancos não parecem notá-las, acostumados a nunca deixar sua terra em paz (Kopenawa, 2015, 423).

As ruas carregam o sangue derramado, as lutas e revoluções, enquanto a cidade sonha. Todo lugar muda: a cidade, a rua ou a avenida, todos sentem e sofrem sem querer, em um instante alimentam e acolhem a luz do amanhecer.

Ao nos deslocarmos pela cidade e seus corredores, utilizamos conhecimentos além da razão, nossa imaginação e nossos sentidos. Nossa memória nos confronta com flashes de quem somos. A fascinação de andar pelas cidades muitas vezes se mistura ao desgaste físico e mental do deslocamento. Nessa exaustão, somos levados a desafiar nosso interior, o peso do nosso corpo se une ao pó dos nossos passos no chão.

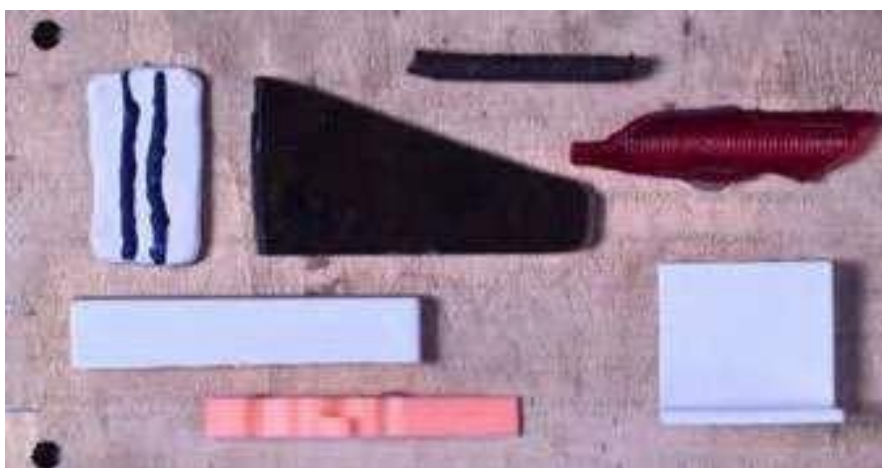


Fig. 14 - Fotografia de um trabalho pertencente a série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2023

Ao andar pela cidade, vemos a solidão dos arranha-céus, seu encontro com as nuvens, percebemos as desigualdades sociais, sentimos a frescura das sombras das árvores que engolem a calçada. Observamos construções de novos edifícios, somos constantemente convidados a olhar e tocar nas cascas das árvores e nas múltiplas superfícies que encontramos. Sentimos o perfume das flores, o frio e o calor de uma fresta de luz solar em dias frios. Somos reformulados ao estar em companhia da rua, da cidade e do sonho.

O que está além da cidade, do asfalto, dessa exaustão?

3.1. Incômodos e devaneios de um andar a pé

Nenhum homem pode banhar-se duas vezes no mesmo rio. Na segunda vez, o rio já não é o mesmo, nem tampouco o homem (Heráclito de Éfeso). Da mesma forma, não se pode andar duas vezes na mesma rua. A rua já não é a mesma, suas janelas foram mudadas, as cortinas balançam ao sabor de diferentes ventos, casas novas habitam nela, com novas composições de famílias. Raios de sol diferentes brilham e refletem nos vidros, veículos distintos e poeiras de terras distantes circulam por ela. E você, além de mudar seu cabelo e seus dentes, já não é a mesma pessoa. A rua pode ter o mesmo nome, mas é outro rio, outras águas.

Heráclito de Éfeso acreditava no movimento constante das coisas, um processo de mudanças contínuas. O Sol, dizia ele, é diferente a cada dia. Ao caminhar, os pés adquirem novas poeiras, levando-nos sempre a novas ruas, como as memórias que, como as memórias que, segundo Walter Benjamin, em sua obra *O retorno do flâneur* (p. 263.) andam sempre à nossa frente, conduzindo nosso corpo pela cidade e direcionando nossas experiências e olhares.

Tenho encontrado prazer em andar pelas ruas. Caminhar tem sido uma tentativa de “auto exorcismo”, de gastar tempo e energia. Desenho com meus passos, sob o sol forte, a chuva e as vestes sujas, entre as pedras no caminho.

Caminhar nos permite escapar da ideia de identidade, da tentação de ser alguém, de ter um nome e uma história. Ser alguém é útil em reuniões sociais e nos consultórios de psicólogos, mas não seria apenas mais uma obrigação social, uma ficção boba que representa um peso nas costas?
(Grós,2008:14).

No Brasil, o tipo de revestimento das ruas e calçadas de pedra é chamado “Pé de moleque”, expressão popular usada para descrever os pés “delicados” dos garotos que andavam pelas ruas e estradas descalços e cheios de calos e irregularidades nos pés. É também esse nome que nomeia um doce tradicional regional mineiro, feito com melado de cana-de-açúcar, duro ao ser mastigado.

Acredito que a caminhada entrou na minha vida quando ainda morava no bairro São João Batista, na região norte de Belo Horizonte. Minha mãe e sua amiga, Lígia, fazia caminhadas diariamente ao fim da tarde. Às vezes, eu as acompanhava, víamos o anoitecer quando percorríamos trajetos tristes, numa região bem movimentada, entre carros e avenidas escuras e barulhentas. Para mim, bastava ver as luzes acesas da cidade e sentir o frescor do vento e reconhecer o alento do céu sobre a paisagem.

Mas as ruas, para nós mulheres, são cheias de empecilhos. Sentimos medo de cruzar as esquinas, os carros nos assustam, as ruas são espaços de julgamento. Precisamos caminhar em alerta, lendo os movimentos dos sujeitos e tentando ver sem cruzar as esquinas, os

carros nos assustam, as ruas são espaços de julgamento. Precisamos caminhar em alerta, lendo os movimentos dos sujeitos e tentando ver sem olhar explicitamente.

É difícil relaxar, somos constantemente confrontadas com nossa invisibilidade e os olhares de enfrentamento. Conheço melhor meu corpo a cada passo que dou, cada dia tem um vento diferente, novos bordados feitos pelos carros e rotundas, cheiros de relva cortada, comida fresca e rastros de combustíveis no céu.

Às vezes, nado ao caminhar, sinto cheiro de rio, ouço o mar. Revisito minhas brincadeiras de infância, minhas confabulações. Entro nas muralhas, reparo as placas de pedra com os nomes das ruas, nuances de luto de ruas que nunca morrem. Há dias em que caminhar é cansativo, entediante e ameaçador. Tantas vezes tenho medo de interagir com a cidade.

Já realizei caminhadas sozinha em diversos lugares do Brasil em sítios mais urbanizados e em lugares mais rurais, São Paulo, no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte. Meus pés sedentos tentavam preocupar com a unicidade de explorar esses lugares. Penetrar por outras realidades pode estimular nosso desejo de compreender a vida, ajudar a pensar a pluralidade de nossos seres e culturas, e permitir atravessamentos entre nossos caminhos e os do mundo.

Saber orientar-se numa cidade não significa muito. Perder-se numa cidade, como numa floresta, requer instrução. O nome das ruas deve soar como o estalar de gravetos, e as vielas devem refletir as horas do dia. Aprendi tardiamente essa arte, que tornou real o sonho cujos labirintos eram os primeiros vestígios (Benjamin, 1995:73).

Mas caminhar pode ser perigoso, pois envolve sair de si e penetrar no território do outro. Podemos encontrar coisas desagradáveis, geniais, lixo e grandiosidades. Sair na rua é perigoso, somos expostos a olhares, palavras e provas de quem somos e queremos ser. Preocupamos com o próximo passo, e a atividade de andar pode atravessar nossa compreensão. O que farei para chegar à próxima esquina?

O caos da cidade contemporânea nos angustia e adocece. Como estratégia de sobrevivência, estamos sempre em estado de defesa, até no nosso olhar. Um índio xamã brasileiro, Davi Kopenawa, descreve o dilema da cidade: “Na cidade, nunca é possível ouvir com clareza as palavras que nos são dirigidas. As pessoas precisam ficar coladas uma na outra para poderem se ouvir. O zumbido das máquinas e dos motores atrapalha todos os outros sons; a algazarra das rádios e televisões confunde todas as outras vozes. É por causa de toda essa barulheira que os brancos estão sempre preocupados.” (Kopenawa; Albert, 2015, 436).

Ao andarmos pelo mundo, o acaso nos conduz a diferentes sítios. Seguir um mapa

nos torna minúsculos pontos, encarando nossas faces como seres andantes e errantes, carregando nossos sofrimentos, opressões e repressões. Michel de Certeau, em “A Invenção do Cotidiano”, reflete sobre caminhar como uma atividade onírica: “Caminhar é ter falta de lugar.” Caminhar afirma, lança suspeita, arrisca, transgride, respeita. É uma diversidade de operações enunciativas que não se reduzem ao traçado gráfico (Certeau, 2001:179).



Fig. 17 - Foto do meu arquivo de minha infância, data desconhecida, Itambacuri, Minas Gerais, Brasil.

A rua é um espaço onde podemos encontrar vestígios de nós mesmos, despertar sonhos e medos, e reviver aflições. Passear na cidade é lidar com o desconhecido, sentir o desconhecido que somos pelos olhares dos outros e pelas arquiteturas seculares, contemplar nossas mazelas.

Capítulo 4

4.1 O lixo como herança

O temor ao lixo é algo latente em nosso cotidiano. É natural termos medo dessa inutilidade, da sujeira, das larvas e das moscas. Queremos esquecê-lo, livrarmo-nos do mau odor; o ser humano quer sempre o controle da matéria. Na sociedade em que estamos inseridos, não estamos habituados a lidar com nossos dejetos e nossa sujeira.

Inúmeras comunidades indígenas têm uma relação muito diferente com seus dejetos. Foi através dessa relação que construíram, ao longo de centenas de anos, técnicas avançadas de fertilidade em áreas gigantescas do globo, inclusive na região Amazônica sul-americana. Esta área é naturalmente detentora de terras vermelhas. Esses povos, cientes dessa infertilidade, depositaram durante centenas de anos, intercalando camadas de matéria orgânica de seus dejetos e do que reconheciam como nutritivo e carvão vegetal. Criaram assim um adubo considerável para que essa região hoje seja a maior floresta do mundo e responsável pelo equilíbrio climático do globo.

É uma reunião antropológica, dos restos que nos compõem e fazem parte de quem somos enquanto sujeitos na sociedade contemporânea, sustentada graças ao demasiado descarte e desperdício. Temos todos uma necessidade intrínseca de consumir e encontramos sempre rodeados de lixo, de embalagens, de sonhos de felicidade que nos são vendidos, empacotados em plásticos, esferovite e borracha.



Fig. 18 - Fotografia de um trabalho pertencente à série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2023, Évora, Portugal.

Os egípcios, desde 3000 a.C., já realizavam a coleta da água com fezes, urina e de banhos. Essa coleta era realizada por prisioneiros que deveriam trabalhar para transformar os resíduos recolhidos em material fertilizante. Os gregos na antiguidade já realizavam separação de águas para usos gerais e para o consumo, e suas coletas das águas sujas também eram feitas por prisioneiros de guerra.

Já na Roma antiga, havia deuses ligados aos processos escatológicos, a mais antiga sendo Cloacina, deusa dos canais de escoamento. A cidade italiana tinha estruturas bem desenvolvidas para o recolhimento das águas poluídas, que eram escoadas para os rios da região, principalmente para o Tibre.

Vários compostos, ou misturas de compostos orgânicos, foram usados como mordentes. A urina foi utilizada pelos gregos e romanos no tingimento com púrpura de Tiro e com índigo. Sabe-se que os aztecas também a utilizaram no tingimento com índigo (Araújo, 2006, 40-41).

Na Idade Média, com a queda do império romano, aconteceram algumas mudanças no manejo dos dejetos urbanos. Por influência da cultura cristã, os corpos que geralmente eram queimados na antiguidade passaram a ser levados para dentro das cidades e enterrados sem controles nem valas apropriadas. Isso criou um problema devido à contaminação de fossos e poços das cidades, que teve que ser coibido pela incidência de doenças graves, levando os corpos a serem sepultados fora das cidades. Os canais passaram a não ter tanta atenção das autoridades. Com o aumento populacional, a construção de edifícios de vários andares e a diminuição de espaços livres nas residências, durante mais de dois séculos foi permitida a eliminação dos excrementos de água de urina, fezes e banho pelas janelas das residências.

São restos, assim como os rejeitos sociais, os pobres, ciganos, sem-abrigo, doentes e negros. Identifico-me com a matéria-prima, sou também em parte “rejeitada” tantas vezes pelo olhar da população e dos governos Sou imigrante, mulher, latino-americana, artista. Recolhi esses restos como se recolhesse parte de mim, como se recolhesse o meu alimento, alimento-me deles, são o ventre vivo de minha atual produção. Respigo para me encontrar, para descobrir minhas raízes e dar à minha produção suor e sangue de verdade e de lixo.

Mesmo nas mais simples atividades humanas, produzimos lixo. Isto se dá tanto na preparação como ao fim da vida útil daquilo que é processado. Ao prepararmos nossos alimentos, por exemplo, sobram cascas, folhas, peles, etc., e ao final, ossos, sementes e etc. O metabolismo de nosso corpo, por sua vez, produz dejetos (fezes, urina, secreções diversas). Tanto o lixo quanto os dejetos devem ser segregados e destinados a locais onde não criem problemas para as atividades comunitárias. Ao fim de nossa existência, deixamos nossos restos mortais, nosso corpo (Eigenher, 2009, 15).



Fig. 19 - Fotografia de um trabalho pertencente a série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2024, Badajoz, Espanha.

Na antiguidade, as cidades de Atenas, Roma e Tebas, por terem grandes dimensões territoriais e populações expressivas, necessitaram de estratégias para tentar lidar com os rejeitos líquidos e sólidos, com os cadáveres e com as carcaças de animais. Na execução dessas estratégias, assim como hoje, envolviam pessoas marginalizadas e mal vistas pela sociedade.

É importante salientar que esses sistemas de canais existentes nessas cidades antigas não eram ligados a todas as casas. Eram beneficiadas as grandes propriedades e o restante das casas que não tinham ligação deveriam buscar suas próprias formas de lidar com a limpeza das fossas e águas sujas, às vezes até pagando terceiros para realizá-la.

Os povos sumérios, assírios e hindus já haviam desenvolvido sistemas de canos de materiais como barro e cobre, para recolher essas águas sujas das casas e estabelecimentos. Esses sistemas, para serem bem usados, precisavam ser higienizados frequentemente por pessoas e contavam com o trabalho de prisioneiros que executavam o serviço, usando, em alguns casos, a água recolhida como fertilizante no campo.

A primeira cidade europeia que instalou um sistema de coleta regular de lixo foi Praga, em 1340, uma atividade privada realizada por carroças.

Em Bruxelas, em 1560, passou-se a realizar compostagem com parte do lixo recolhido pela cidade. Em 1666, Londres dispunha de um sistema organizado e regular de lixo, o qual obrigava e responsabilizava a comunidade na atividade de limpeza urbana e os sujeitos a cuidar do espaço urbano, mas esse sistema não era aceito por parte considerável da população e ruiu-se.

Somente depois da segunda metade do século XIX, com a descoberta da microbiótica e seus perigos relacionados à disseminação de doenças, começou a haver, de forma muito precária, a triagem de rejeitos, assim como a separação de resíduos sólidos dos líquidos.

Em Londres, nesse mesmo período, criou-se a técnica de incinerar o lixo produzido. Nos Estados Unidos foi criada a técnica de coleta seletiva, mas até o século XX o destino de grande parte do lixo na Europa era o mar, os rios e seus afluentes. Só na segunda metade do século XX foram criados os primeiros aterros sanitários, com preocupações e uma série de medidas de prevenção de danos e de possíveis consequências desse tipo de destino sanitário.

A acumulação de lixo que podemos observar atualmente é resultado da sociedade de consumo em que nos encontramos e é uma característica imposta pela ordem do modelo de produção capitalista. Esse sistema, em que nos circunscrevemos, impõe uma ilusão ao consumo, à abundância e ao que pode ser descartável, deslocando o olhar e as vidas dos sujeitos à satisfação temporária de nossos corpos, cada vez mais cansados e exaustos de tanto trabalhar.

O consumo excessivo leva a um desperdício excessivo, uma falsa ideia de que estamos a usar a razão, compramos carne, frutas e legumes que vêm em embalagens plásticas; são embaladas centenas de milhares de embalagens em todo o mundo diariamente, as quais são destinadas, muitas vezes, a aterros e centros de triagem. Compramos tantos objetos que são embalados desnecessariamente em esferovite, as indústrias e seus ramos só agradam em

ter lucros maiores, o que naturalmente envolve pensar menos na redução no volume de resíduos produzidos e nos papéis que o sujeito tem nessa atividade de redução e destinação adequada dos resíduos.

O que é lixo, por exemplo, para duas pessoas pode ser diferente. Há pessoas que consomem cascas dos vegetais e frutas; muitas só as jogam fora. Há objetos que descartamos, mas que são de enorme valia para outros sujeitos. Assim como em algumas culturas se consomem determinados alimentos e em outras não. Portanto, o que classificamos como lixo está bem ligado também a aspetos culturais da sociedade em que se encontra o indivíduo, principalmente levando em conta o que se pode reutilizar, restaurar e reciclar de acordo com o ambiente e suas determinadas condições.

Durante boa parte da minha vida, jogava os lixos todos no mesmo lugar. Só na adolescência aprendi sobre separação dos resíduos como ela é hoje. Acredito que boa parte do mundo carece de ensinamentos e instruções voltados para diferentes gerações e classes sociais para a conscientização ambiental e de políticas públicas que favoreçam o descarte correto e devido dos resíduos.

Cresci vendo o caminhão do lixo na rua ao sol, feito brasa acesa, e cerca de cinco homens acompanhando o veículo, correndo com seus uniformes laranjas, recolhendo os sacos de lixo espalhados pelas ruas e, por fim, jogando-os dentro do compactador. Cresci vendo pessoas, os chamados catadores de lixo, que no Brasil, com seus carrinhos, carroças e sacos gigantes cheios de materiais recicláveis, arrastando-os pelas ruas afora. Mulheres, idosos e jovens fazendo um trabalho nobre de triagem e coleta de lixo reciclável



Fig. 20 | Fig. 21- Fotografias de um trabalho pertencente a série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental?" 2023, Évora, Portugal.

pelas ruas das cidades.

Temos como herança as centenas de milhares de toneladas de lixo que foram descartadas de maneira incorreta, estas que povoam os oceanos, os rios, seus afluentes e nascentes, são resíduos quaisquer que foram largados pelas grandes empresas nos desertos e lugares isolados do terceiro mundo, ou que simplesmente passaram a fazer parte da paisagem dos lixões e aterros sanitários de todo globo. Herdamos um problema que vem sendo colocado em segundo plano e põe em risco a vida de inúmeras espécies, inclusive a do homo sapiens.

Herdamos esse lado que tentamos esquecer e apagar, esse que tentamos nos livrar, quando deitamos fora os sacos de lixo malcheirosos de nossas residências. Um patrimônio vergonhoso que dialoga com a miséria humana, com nossa maldade e egoísmo intrínsecos ao nosso corpo de sujeitos viventes e desejosos de mais, e cada vez mais.

4.2. O lixo social



Fig. 22 - Fotografia de um trabalho pertencente a série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2023, Évora, Portugal.

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.
Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.
O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.
O bicho, meu Deus, era um homem. (Bandeira, 2001:45)

Durante minha infância, no condomínio em que morava numa região muito simples de minha cidade natal, via muitas crianças que não tinham, muitas vezes, o que comer. Nos quase seis anos em que trabalhei em escolas e instituições educacionais, vi que essa fome que presenciara na infância e tratava de forma ingênua era a fome de centenas e centenas de crianças, jovens e adultos. Estes iam muitas vezes para a escola somente para comer a refeição que era oferecida, uma comida simples e perfumada. Arroz com ovo, arroz-doce, mingau, sopa – essa era, para milhares deles, a única refeição do dia. Mesmo nos dias de terrível calor,

quando o cardápio era sopa quente, a refeição era sagrada.



Fig. 23 - Foto tirada de uma casa montada para abrigar um sujeito em situação de rua, 2020, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

É possível pensar no que é rejeitado socialmente como lixo social, refletindo sobre as pessoas que são excluídas pela sociedade simplesmente por suas origens, condições físicas ou psicológicas. Pertencem às classes sociais mais desfavorecidas, são de etnias diferentes, negros, pardos, mulheres, imigrantes, pessoas com doenças mentais, deficientes (cegos, amputados, cadeirantes), e quaisquer pessoas que, por diversos motivos, são impossibilitadas de gerar dinheiro e trabalhar. Estas são excluídas pela sociedade, assim como o lixo que descartamos de nossas casas com frequência e deixamos nas ruas. Esses sujeitos se encontram marginalizados, rejeitados e, dessa forma, frequentemente desprovidos das condições de sobrevivência, políticas públicas e de dignidade.

Qualquer coisa que ameace ou ponha em causa a ordem social vigente ou que atravesse as barreiras das coisas e significados “ordenados” será definida como “suja”. Isto é, qualquer coisa que esteja contaminada é “suja” e tudo o que contradiga esse padrão cultural é considerado “comportamento poluente” (Valente, 2022, 50)

As guerras e suas vítimas. Os sujeitos que vivem nas ruas, os negros, pardos, mulheres, imigrantes, pessoas com doenças mentais, deficientes (cegos, amputados, cadeirantes), idosos e quaisquer pessoas que, por diversos motivos, são impossibilitadas de gerar dinheiro e trabalhar. Lembro das mulheres e crianças em tantas guerras esquecidas deste mundo. A sabedoria desta nossa espécie delega valor às pessoas, baseando-se, claro, em suas ambições e delírios. A guerra na Palestina, em Gaza – pessoas inocentes são descartadas, assim como no Sudão, na Líbia, em Burkina Faso, na Somália, em Mianmar, na Ucrânia, na Nigéria e na Síria. Falo isso para dizer que o homem adora descartar o que não o interessa; para isso, cria conflitos, abandonando os mais vulneráveis.

Às margens destes conflitos, mulheres e crianças. Vi passando na rua hoje, muitas

frutas jogadas no lixo, na calçada. Havia muitos morangos, bem vermelhos, e o contraste do verde e vermelho entre suas cascas. Para falar de esquecimento e rejeição, acho importante citar os povos indígenas e originários de todo o mundo, que tiveram milhões de seus antepassados assassinados e torturados por um ideal colonizador. A população que sobreviveu foi e é silenciada. São populações com saberes e relações com a natureza muito profundas, mas esses conhecimentos foram rejeitados pelo homem branco, assim como resquícios de suas manifestações culturais. Não poderia deixar de citar também os milhões de negros que saíram da África, traficados e vendidos a qualquer preço, como mercadorias, em leilões nas cidades europeias antes de irem para outros cantos do mundo.

A colonização desumaniza, repito, mesmo o homem mais civilizado; que a ação colonial, a empresa colonial, a conquista colonial, fundada sobre o desprezo pelo homem indígena e justificada por esse desprezo, tende, inevitavelmente, a modificar quem a empreende; que o colonizador, para se dar boa consciência, se habitua a ver no outro o animal, se exercita a tratá-lo como animal, tende objetivamente a transformar-se, ele próprio, em animal” (Césaire, A. 2021, 4).

Frágeis fragmentos que são espectros da cultura e de nossa deseducação urbana. Fragmentos da social maneira de viver o mundo, que multiplica desperdícios e desigualdades exorbitantes. Carregamos o abismo social, um abismo silencioso, que degrada nossa humanidade. Quem detém dinheiro detém poder, e esse poder rege as relações entre os sujeitos e movimenta a sociedade em seus mais diversos níveis. Mies e Shiva (1993, p. 17) argumentam que estamos enfrentando uma grande disputa entre os direitos da Mãe Terra e os direitos das corporações e dos estados militarizados, que utilizam paradigmas obsoletos para promover a guerra contra o planeta e as pessoas.

A miséria passa despercebida nas ruas. Colocamos venda nos olhos, pois sentimos impotência diante do sistema. O capitalismo atropela os mais desfavorecidos, e esses estão frequentemente a contar com a sorte para sobreviver e quase nunca veem saída diante de tantas injustiças apresentadas, sem poder, sem valor, sem dignidade, sem direitos. Carregamos esses abismos, tantas vezes silenciosos, que degradam nossa humanidade.

4.3 O lixo como alimento



Fig. 25 - Montagem com fotos tiradas nas caminhadas das cidades, encontro com objetos e seus fragmentos, 2023-2024, Évora e Lisboa, Portugal.

Segundo Zygmunt Bauman (1925-2017), um sociólogo e filósofo polonês em sua obra “Sociedade de consumo de 2008, “Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável” (p. 20). Certamente estamos ancorados em um sistema que se sustenta em quatro pilares: produção, consumo, lucro e crescimento. Essa lógica rege a sociedade atual como um todo, controla nossas relações sociais, manipula nossa cultura e âncora a nossa sobrevivência na toxicidade da descartabilidade humana.

Nossa experiência, nossos corpos e nossa vulnerabilidade como seres humanos é controlada pela lógica do mercado. Para a internet e as redes sociais, somos meros usuários, e essas são vitrines fugazes de um centro comercial global e interconectado de modos de vida, hábitos e comportamentos de uma ideologia mercantilizada. Estamos tendenciosos a sermos controlados pela configuração dessas ideologias voltadas para o progresso, para o lucro a qualquer custo. Nossos corpos são uma mercadoria barata, sem valor e sem alma. O vazio e a angústia de sermos descartáveis trazem consequências muito claras para os sujeitos na sociedade, levando-nos a relações altamente superficiais. Nossas emoções também são mercadoria; as amizades e relacionamentos são construídos de forma a estarem suscetíveis à velocidade e dinâmicas de nossa produtividade.

Nas circunstâncias atuais, o que prevalece em todas as esferas sociais de laços humanos é o individualismo e a competitividade, fragmentando as raízes dessas relações e incrustando a insegurança no convívio dos indivíduos com os outros ao seu redor. A dificuldade de estabelecer confiança nas nossas relações cotidianas frequentemente nos leva a evitá-las.

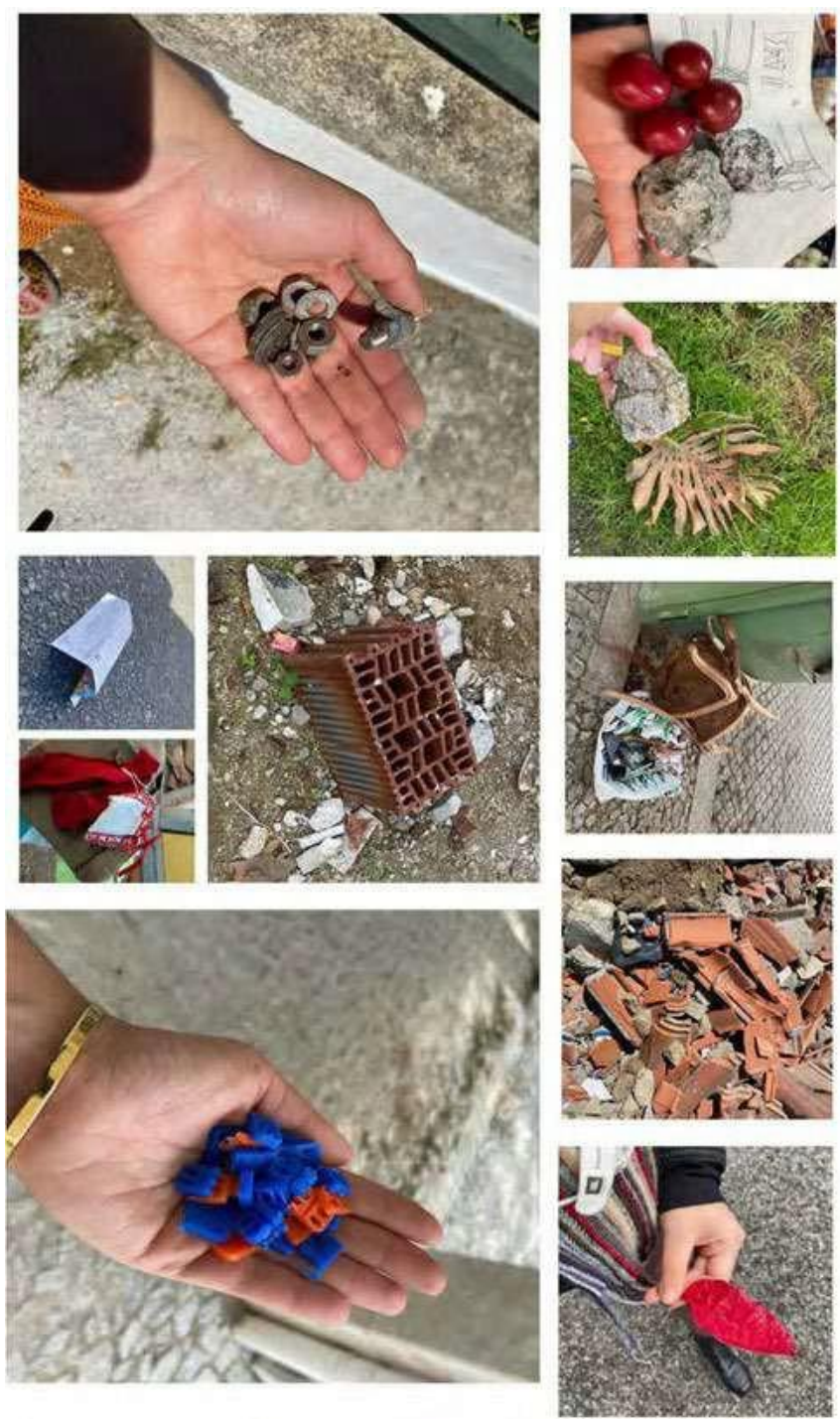


Fig. 24 - Montagem com fotos tiradas nas caminhadas das cidades, encontro com objetos e seus fragmentos, 2023-2024, Évora e Lisboa, Portugal.

Somos intoxicados pela lógica do mercado a todo o momento. Os agrotóxicos, autorizados pelos governos, são amplamente aplicados nos alimentos para que a indústria possa produzir e obter rendimentos cada vez mais voltados para a usura entre seus acionistas e seus grandes milionários, enquanto uma preocupação cada vez menor é dada à nossa vida e ao sustento amplo dos sujeitos. Há uma anulação da preocupação desses meios com nossa saúde e nosso verdadeiro bem-estar.

Fomos e somos bombardeados pela ideologia consumista, uma ideologia responsável por grande parte dos resíduos do Ocidente. O desejo de ter vira doença, e a influência de grandes marcas e personalidades famosas entre os meios de comunicação alimentam em massa a mentalidade dos sujeitos, principalmente nas redes sociais. Estamos cada vez mais suscetíveis à miséria do mercado, um mercado que nos considera também como objeto, e, sendo assim, para ele somos descartáveis a qualquer momento, uma vez que sempre existem outras mercadorias, outros corpos vendáveis e massificados, tantas vezes dóceis e cegos para a lógica do capitalismo.

A cultura é também precisamente controlada pela lógica do capital. As músicas que são produzidas e divulgadas são feitas para agradar os consumidores, e qualquer criação feita fora do mapeamento do mercado de consumidores ouvintes fica sem espaço para a produção e veiculação. Também por isso estamos envoltos em uma música de composições e melodias, em sua maioria, muito simplistas e carentes de expressar com mais liberdade o que verdadeiramente a pluralidade da linguagem musical tem para oferecer ao mundo.

“Bebida é água/ Comida é pasto/ Você tem sede de quê? /Você tem fome de quê? /A gente não quer só comer/ A gente quer comer e quer fazer amor/ A gente não quer só comer/A gente quer prazer pra aliviar a dor/ A gente não quer só dinheiro/ A gente quer dinheiro e felicidade/ A gente não quer só dinheiro/A gente quer inteiro e não pela metade.” (Antunes, Fromer, Britto, 1987)

Somos alimentados compulsivamente em nossos ecrãs e nos meios de comunicação com imagens, vídeos e propagandas que nos aprimoram como bons consumidores de produtos desnecessários. Somos alimentados diariamente por mercadorias que vemos ou compramos, e somos estimulados a nos transformar em mercadoria: ter uma roupa da moda, divulgar conteúdos diferentes, publicar nas redes sobre viagens e pessoas com quem estamos tendo contato. Todos queremos curtidas e comentários nos conteúdos que postamos. Essa mera condição de imploradores de atenção nas redes distorce o que somos e nos faz pensar que talvez fôssemos sujeitos melhores e mais felizes se tivéssemos mais seguidores e curtidas. Os meios de comunicação manipulam nossa atenção e tentam suprir nossos corpos com prazeres infelizes e insatisfeitos com nossa condição material, intelectual e social.

Em meio a tanto conteúdo residual, tanto lixo que nos é oferecido, esse texto se encontra na primeira pessoa do plural. Isso significa que a maior parte dos sujeitos pertencentes a essa sociedade se enquadra nessas menções, inclusive crianças, adolescentes, jovens, adultos e

idosos.

As coisas inúteis que consumimos diariamente e os resíduos que carregamos em nosso inconsciente alimentam em nosso ser degradações, seja voltada para a autoestima, seja para nossos traumas e medos, seja para a forma como enxergamos o outro, como nos relacionamos com outros sujeitos e como vemos um possível futuro em nossas vidas.

Nossa cegueira para com tantos fenômenos voltados para nossa condição na sociedade enquanto mercadoria é generalizada e carece de nossa atenção. Esse é o desejo dos grandes proprietários das redes sociais e dos influencers: que continuemos cegos, sem visão para a manipulação com que operam em nossas mentes. A cegueira é massificada e banal, pois estamos sem muita esperança quanto à melhora nas condições dessa visão e de rompimento com esse círculo vicioso do capitalismo em nossas vidas.

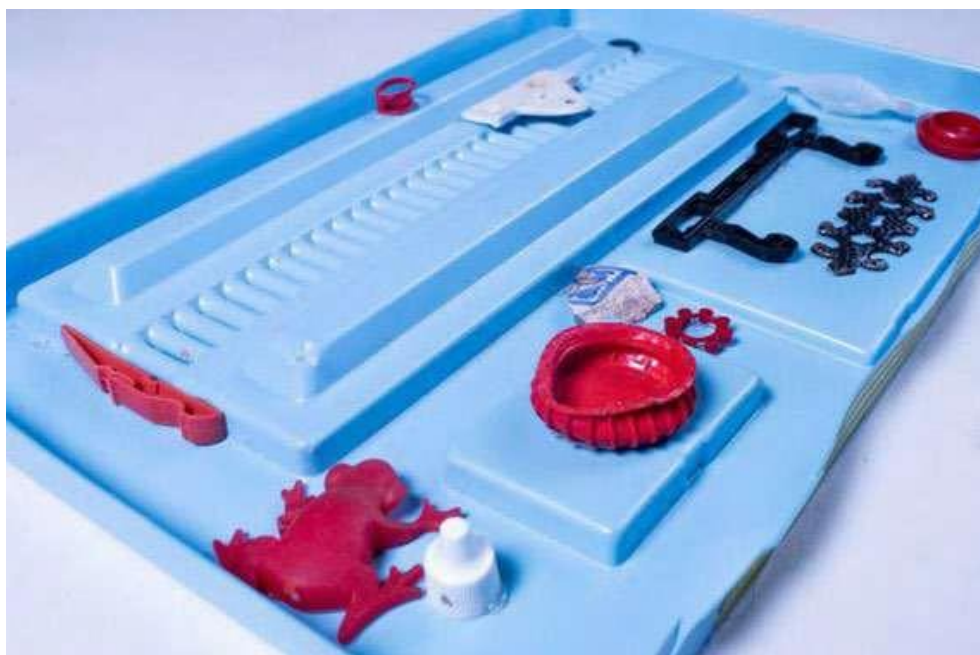


Fig. 26 - Fotografia de um trabalho pertencente a série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2023, Évora, Portugal.

CAPÍTULO 5

Respigar como procura de identidade

O verbo francês “glanage”, traduzido para o português como respigar, carrega em si um universo de significados e histórias. Originário de uma prática ancestral, respigar consiste em recolher os alimentos esquecidos e desprezados nas plantações, nas vinhas, nos batatais, e nas macieiras. Essa atividade simples, porém essencial, não só evita o desperdício, como também fornece subsistência para aqueles que se encontram em dificuldades. É um ato de resgate, tanto material quanto simbólico.

Desde a Idade Média, especialmente em tempos de guerra e fome, a prática de respigar foi comum. Mulheres, muitas vezes, desempenhavam esse papel, utilizando pedaços de suas vestes para acolher os restos da terra. O têxtil era o saco que recebia o que antes não tinha valor. Com os ombros e a cabeça, elas sustentavam o peso dos alimentos resgatados, tratando-os como preciosidades indispensáveis para suas vidas.

Essa atividade era frequentemente uma empreitada familiar. Avós, netos, crianças e jovens uniram-se no esforço de recolher o máximo possível de alimentos para suas mesas, aceitando até mesmo as partes disformes e imperfeitas. Com o passar do tempo, as máquinas vieram a substituir grande parte desse trabalho manual, alterando a paisagem das colheitas.

A coleta, antes da mecanização, exigia uma postura inclinada, agachada, tornando possível aos respigadores apanhar os alimentos com agilidade e percorrer as plantações ou sítios com destreza. Essa nova percepção dos resíduos, inspirada tanto pela prática ancestral do respigar quanto pela organização consciente dos resíduos em minha casa, começou a nutrir meu imaginário artístico. Em cada fragmento de lixo, vejo não apenas o desperdício, mas também a possibilidade de um encontro pessoal com o resíduo, uma troca de saberes.



Fig. 27 - Fotografia de um trabalho pertencente a série, “Porque vocês não sabem do lixo Ocidental”, 2023, Évora, Portugal.

5.1. Respigar como prática ecofeminista

Em “As Respigadoras” de Jean-François Millet (1814-1875), o pintor francês retrata três mulheres camponesas colhendo espigas de trigo após a colheita principal, ele não apenas documenta a prática, mas também coloca em evidência a disparidade social que envolve os trabalhadores rurais e os proprietários das terras.



Fig. 28- “As Respigadoras”, 1857, Jean-François Millet

O ato de respigar, na essência, vem de uma prática tradicionalmente realizada por mulheres, que buscavam o sustento de suas famílias ao recolher alimentos que seriam desperdiçados nas plantações. Estes alimentos, rejeitados ou esquecidos na terra pelos proprietários das plantações, eram aproveitados pelas respigadoras, evidenciando uma atividade que está intrinsecamente ligada à preservação do meio ambiente e à figura feminina.

O Ecofeminismo é um grupo de discursos, teorias e pensamentos políticos, filosóficos e ativistas surgidos no século XX, que relacionam questões de equidade de gênero com os desafios dos problemas ambientais da civilização. Este movimento sugere cooperação e cuidado mútuo entre as mulheres e a natureza, reconhecendo e explorando as conexões entre a opressão das mulheres e a degradação ambiental.

Com abrangência internacional, essa vertente do feminismo argumenta que a exploração da natureza e a subjugação das mulheres têm raízes comuns no patriarcado e no capitalismo. A partir dessa perspectiva, defendem que a luta pela equidade de gênero está intrinsecamente ligada à luta pela sustentabilidade ecológica.

O Ecofeminismo tem se manifestado de várias formas ao redor do mundo. Em muitos países, mulheres lideram movimentos contra a exploração ambiental, como o movimento Chipko na Índia, onde mulheres abraçam árvores para protegê-las do desmatamento.

Apesar de suas contribuições significativas, o Ecofeminismo enfrenta desafios, incluindo a necessidade de abordar as interseções entre gênero, raça, classe e outras formas de opressão. Respigar e o Ecofeminismo ilustram como práticas e teorias femininas podem contribuir para uma abordagem mais sustentável e justa para com todo o ecossistema.

Nos anos sessenta, o movimento ecofeminista concentrava-se no combate à guerra, ao uso da tecnologia nuclear e à poluição. Destacava-se também na oposição à mineração, ao desmatamento e na luta pela conservação dos solos. A primeira teórica a refletir sobre a relação entre a mulher e a natureza foi Simone de Beauvoir (1908- 1986), que embora não tenha pertencido diretamente ao movimento, Beauvoir abordou em suas obras questões que se relacionam com a vertente ecofeminista, especialmente no que diz respeito à construção da identidade feminina em relação à natureza.

Ao longo dos anos, várias teóricas e pesquisadoras surgiram, fornecendo uma série de discursos sobre a conexão entre o desrespeito às mulheres e o desrespeito à natureza pelo homem, especialmente o homem branco. E se mostra como um campo de pesquisa e investigação que relaciona o respeito às diversidades raciais e sexuais, bem como com o combate às guerras, à fome, às desigualdades sociais e ao preconceito.



Fig. 29 - Fotografia autoral, 2021, Lagoa Santa, Minas Gerais, Brasil

CAPÍTULO 6

A linguagem da assemblage como prática artística

Tendemos a pensar na colagem como uma técnica moderna, mas não há nada de muito novo na ideia essencial de associar imagens e objetos não relacionados para formar uma identidade expressiva diferente. A construção de imagens desta forma pode ser encontrada tanto em culturas primitivas como em culturas sofisticadas, mas embora a técnica de colagem altamente desenvolvida possa ser rastreada até ao Japão do século X, só ressurgiu como uma forma legítima de expressão artística na primeira década do século XX. (Wolfram, 1975, Introduction)

O termo “assemblage” vem do francês “assembler”, que significa montagem, e foi usado pela primeira vez em 1953 por Jean Dubuffet (1901-1985), um artista e teórico francês. Dubuffet procurava distinguir essa técnica das formas tradicionais de escultura e colagem, abrindo espaço para novos métodos de expressão artística. A assemblage envolvia a criação de composições a partir de objetos encontrados, fragmentos e materiais diversos, reunindo elementos do cotidiano para construir novas composições.

A assemblage esteve muito ligada aos movimentos dadaísta e surrealista do século XX. O período entre as guerras mundiais (1918-1939) foi marcado por uma profunda crise econômica e transformações sociais significativas, esses movimentos surgiram como uma forma de expressão diante às experiências traumáticas da guerra e à crise de valores da sociedade industrializada, como uma técnica que refletia a fragmentação e a complexidade da vida moderna, e a essência de uma sociedade marcada pela destruição e pela reconstrução.

A assemblage é uma técnica que carrega uma radicalidade, algo subversivo. Propondo a destruição da santidade, beleza e do genial na arte, ao utilizar como matéria-prima objetos e seus fragmentos e sucatas o artista propõe um olhar diferenciado para a arte, a arte como parte da sujeira das ruas e de nossos corpos, a arte bruta, sem bordados nem maestria hiper-realista.

Segundo a artista francesa Louise Bourgeois (1911-2010), *Assemblage is different than carving. It is not an attack on things. It is a coming to terms with things. With assemblage or the found object you are caught by a detail, or something strikes your fancy, and you adjust, you give in, you cut out, and you put together. It is really a work of love.* (Bourgeois, 1998, 123)

Manuel DeLanda, um teórico contemporâneo, em sua obra *Assemblage Theory* (1952), discute a importância da assemblage para a compreensão do mundo, nesta o autor menciona a pesquisa da assemblage nos trabalhos filosóficos de Gilles Deleuze e Félix Guattari, na qual exploraram a importância de um novo olhar sobre as estruturas tradicionais de organização da sociedade e propuseram a valorização da multiplicidade e complexidade do mundo para o surgimento de novas ideias inovadoras.

A assemblage frequentemente incorpora elementos diversos para criar uma obra de arte, os artistas geralmente utilizam materiais descartados, como pedaços de metal, plástico, madeira, tecidos e outros objetos encontrados, incluindo itens que são considerados lixo. O lixo como matéria-prima, naturalmente chama atenção para o consumo excessivo da sociedade e seu consecutivo desperdício.



Fig. 30 - Fotografia autoral, registo da fachada de uma loja de materiais de costura, 2021, Lagoa Santa, Minas Gerais, Brasil

6.1. A assemblage como linguagem no meu percurso artístico

A assemblage como poética esteve latente no meu olhar como artista, em 2006, recolhi materiais que iam ser deitados fora em minha residência, eram fitas cassete, partes de latas de spray, tampas, partes de controle remoto e outros materiais que utilizamos cotidianamente. Eu adolescente, com meus poucos anos, vi aqueles materiais e com minhas inquietações interiores, os separei para fazer algumas montagens e brincar, entre tardes de folga da escola e horas de descanso fiz essas composições e as coloquei para decorar meu quarto.



Fig. 31 - Fotografia de uma série de personalidades que fiz aos quinze anos. 2006, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Na universidade meu olhar esteve estritamente ligado às famosas linguagens e seus consagrados materiais para realizá-las, papéis de algodão importados, chapas de cobre, pedras de mármore, madeiras, cerâmicas. E essas foram muito importantes para edificar em mim uma visão artística de entendimento das linguagens e suas potencialidades.

Hoje, como arte educadora, acredito que na academia pode ser explorado mais novas formas de pensar o fazer artístico, não somente ligados as tecnologias atuais, mas de reaproveitar papéis, sobre reutilizar materiais, de não utilizar certos materiais extremamente danosos ao meio ambiente, e de convênio da Universidade com instituições que deitam fora resíduos e no meu ponto de vista, essa falta de preparo na academia para enfrentar questões muito relativas a contemporaneidade empobrece o ensino e levam muitos alunos a se desinteressarem pelo fazer artístico.

Encontrar objetos em casa e os transformar em formas de expressão artística se tornou algo para mim muito natural, a simplicidade de aprender a ver nos pedaços dos nossos cotidianos a arte tem relação muito da educação que me vi envolvida também no colégio em que estudei durante a primária, e éramos confrontados com propostas de reaproveitamento de madeiras da poda das árvores para criar trabalhos, tínhamos que criar estratégias para a reutilização de certos materiais como papéis e embalagens. Em 2021, durante a pandemia de COVID-19, pude me ver realizando novamente trabalhos utilizando a linguagem da assemblage, morava com minha mãe em uma cidade pequena, chamada Lagoa Santa, em Minas Gerais, bem próximo de minha cidade natal. O sítio que ela circunda tem uma vegetação

linda, mas infelizmente, a extração de madeiras para exportação e fabricação de móveis é intensa. Em uma visita a uma loja de móveis com minha mãe, que ela perguntou para o dono o que ele fazia com os restos da produção, e ele disse que eram deitados fora, e se quiséssemos podíamos ir semanalmente recolher o que nos apetecesse desses restos, assim passamos a ir no fim da semana recolher alguns pequenos retalhos de madeira, a madeira, cheirosa com uma textura macia e delicada me encantava, e com os fragmentos recolhidos passei a realizar alguns trabalhos artísticos com os mesmos.



Fig. 32 - Macaúbas, Assemblage sobre madeira, 2019, Lagoa Santa, Minas Gerais, Brasil.



Fig. 33 - São Paulos, Assemblage sobre madeira, 2019, Lagoa Santa, Minas Gerais, Brasil.

Com o lixo resgatado da loja de móveis de madeira, pude preparar alguns suportes para a realização de algumas composições com retalhos de azulejos rejeitados por minha mãe na confecção de mosaicos. Com cores fortes e bastante mistura de diferentes elementos, criei esses trabalhos, foram no total 14 peças.

A assemblage está presente em todo o mundo e é tradicionalmente usada nas culturas populares. Esta forma de expressão abarca inúmeras combinações de linguagens e estilos, transformando objetos não convencionais em composições artísticas. A ideia por trás da técnica, é atribuir um novo significado a esses fragmentos, transformando e ressignificando sua importância como linguagem expressiva.



Fig. 34-Montagem com fotografias de uma série de trabalhos, Assemblage sobre madeira, 2019, Lagoa Santa, Minas Gerais, Brasil.

Como educadora artística, acredito que a prática da assemblage está presente na experiência de muitas crianças. Na infância, estamos mais abertos a associar elementos distintos e a criar com tudo o que vemos pela frente. Ao observar meus alunos, percebi que, ao realizar tarefas artísticas, eles frequentemente mesclavam gravetos, plásticos, pontas de lápis, brinquedos, flores, stickers e alimentos em suas criações. Esta mistura amplia seu campo sensorial e interpretativo, estimulando a criatividade e a inovação.

Um homem catava pregos no chão. Sempre os encontrava deitados de comprido, ou de lado, ou de joelhos no chão. Nunca de ponta. Assim eles não furam mais o homem pensava. Eles não exercem mais a função de pregar. São patrimônios inúteis da humanidade. Ganharam o privilégio do abandono. O homem passava o dia inteiro nessa função de catar pregos enferrujados. Acho que essa tarefa lhe dava algum estado. Estado de pessoas que se enfeitam a trapos. Catar coisas inúteis garante a soberania do Ser. Garante a soberania de Ser mais do que Ter. (Barros, 1993, 418)

No final do ano de 2021, fui convidada para fazer parte de uma exposição no Museu Palácio das Artes, na Fundação Clóvis Salgado, em minha cidade natal, a exposição era chamada "Cidade Imaginária", e fez parte da programação do museu até o fim de janeiro de 2022. Nesta deveria inferir artisticamente nos quatro pilares que sustentam a galeria, diante de mui-

tas possibilidades acabei optando por realizar um trabalho com assemblage sobre parede. A temática e assemblage possuía uma ligação forte, o conceito de montagem, de aglomeração e justaposição de elementos é bem característico do imaginário urbano e da rotina que nele circunda.



Fig. 35- Fotografia de um trabalho realizado para a exposição “Cidades Imaginárias” no Museu Palácio das Artes, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.



Pude me inspirar no cotidiano nas cidades do mundo, as diversidades de culturas, as construções, os contrastes sociais e o movimento da vida e as pontes e abismos entre os sujeitos da cidade. Primeiramente realizei algumas pequenas intervenções com pintura nos pilares, e depois realizei utilizei colados à parede, cordas, têxteis, objetos e fragmentos de plástico, metal, pedras, vidro, pastilhas, azulejos, madeira, papel, couro e cerâmica. Aproveitei coisas e objetos da minha própria casa, outras que catei das ruas e outra parte doada por minha mãe para que o trabalho pudesse prosseguir.



Fig. 36- Fotografia de um trabalho realizado para a exposição “Cidades Imaginárias” no Museu Palácio das Artes, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

Posteriormente abracei a técnica, a misturei com elementos da memória de minha infância, essas fronhas fizeram parte do enxoval de minha mãe e eram por nós utilizadas durante boa parte de nossos anos juntas. Realizei a incorporação a ela retalhos, pintura, bordados e colagem de diferentes fragmentos de objetos, numa tentativa de transformar a fronha, incorporando resquícios de sonhos e pesadelos, mas sem que a fronha da almofada perdesse sua essência, enquanto escultura e também suporte.



Fig. 37 – Intervenção sobre fronha de almofada ,2020, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil

Em alguns trabalhos de intervenção artística urbana pude também explorar a linguagem da assemblage, tentei assim levar para as ruas um pouco dessa linguagem que pode se relacionar com o cotidiano urbano e com a poética caótica das cidades e com a nossa rotina permeada por poluições visuais constantes.



Fig. 38 | Fig 39 -
Fotografias de
assemblage/ intervenção
artística urbana, 2022,
Lagoa Santa,
Minas Gerais, Brasil.



Fig. 40 - Montagem de fragmentos de objetos e cadeira, 2022, Belo Horizonte-Minas Gerais, Brasil

Essa intervenção das imagens anteriores (Fig 40), foi feita com objetos que estavam prestes a serem deitados fora em minha casa, uma cadeira de madeira azul, um pé de uma mesa de metal amarela e um fragmento do escorador de uma cadeira de madeira bege, o objeto criado com esses pedaços de descarte ficaram poucas minutos assim e logo pessoas já os apanharam.



Fig. 41- Montagem com fotografias feitas de uma pintura/montagem/colagem/intervenção urbana feita com diferentes papéis sobrepostos, 2019, Belo Horizonte-Minas Gerais, Brasil.

Essas fotografias de trabalhos anteriores referentes a Fig. 41, também se relacionam com a técnica da montagem/assemblagem, comecei a fazê-los ao me deparar com descartes de muitas revistas de moda por um vizinho, eram revistas com papéis muito bonitos e encorpados, além de terem uma impressão muito bonita de imagens de grifes e de modelos muito bem comportadas, primeiro comecei montando composições desses papéis apanhados no lixo colando-os de modo a aproveitar a mancha gráfica presente nestes, e posteriormente construindo pinturas por cima envolvendo um repertório imagético criativo pessoal.

No contato com as ruas e na criação de intervenções artísticas na cidade, o que mais me encanta é o carácter incerto e efêmero que a obra de arte adquire, passando a pertencer a todos e podendo ser vista, observada de perto, criticada e sofrer intervenções a qualquer momento por quem quer que seja.

Capítulo 7

Relatos de uma artista

Em mim atesto existir uma arqueologia nada civilizada, como uma espécie selvagem, farejo objetos e seus fragmentos e ao mesmo tempo, uma forma nada científica de ressignificá-los. Eles vêm ao meu encontro também, na parede da rua um sapato perdido grita sua presença, sem voz, já lixo, invisível.

Ao vir para Portugal, deixei para trás minhas tintas, papéis, tecidos, canetas, marcadores e pincéis. Com um orçamento financeiro bem limitado aqui em Portugal, sentia-me angustiada e sempre receosa em escolher quais materiais comprar para utilizar artisticamente. Pesquisei muitas possibilidades desde gravura, aquarela, acrílica, óleo, escultura, e cogitei muitas técnicas possíveis para estar explorando durante o mestrado.

Durante o primeiro semestre deste curso de mestrado em Práticas Artísticas em Artes Visuais na Universidade de Évora, pude explorar mais uma linguagem em que tenho muita identificação e uma temática muito pessoal envolvendo minha família e histórias baseadas no imaginário da minha infância e da infância de meus familiares.

Porém, tenho como forma de trabalhar artisticamente uma maneira bem desprendida, acredito na criação artística como uma espécie de encontro comigo mesma, com minhas crenças e descrenças. E na ausência de tantas coisas aqui em Portugal, sentindo na pele tanta discriminação e carregando no sangue e na alma a grandeza e a força de ser mulher, era nas ruas que encontrava tantas vezes consolação para minha tristeza e solidão.

E foi nos meus encontros com a rua, observando os rejeitos, as tantas caixas de cigarro que via nas caminhadas, aprendi a ver o lixo, nas tantas caixas plásticas, nos fragmentos de papéis de raspadinhas esquecidos pelas esquinas, nas embalagens que me faziam quase tropeçar na calçada. Comecei a treinar o meu olhar para ver as potencialidades dos materiais que encontrava nas ruas, que comecei a refletir profundamente sobre o lixo, e o ato de respigar.

Ao decidir catar o lixo e usá-lo como matéria, técnica e linguagem via que esse processo ia ser doloroso. Sentia-me como Clarice Lispector descreve em “Felicidade Clandestina”: “Engoli com alguma dor meu orgulho que sempre fora feroz, e aceitei humilde o que o destino me dava de esmola.” (1998, p. 18).

Aceitar o que o rejeito me diz é reconhecer na sujeira dos pedaços disformes da minha própria miséria e impureza. Esse processo era doloroso porque nunca queremos assumir nossos lixos. Nunca me ensinaram a ouvir silêncio, nunca te ensinaram a isso, o silêncio é também um lixo da sociedade, que nos quer cada vez mais puros, mais máquinas

automatizadas e subservientes.

No chão da marquise, um peluche brinca de ser livre, ele na chuva ganha novas cores, um peluche se diverte por estar desencontrado, o chão da rua acolhe quem a gravidade e outras forças quaisquer quer desafiar.

A diversão que adquiri em criar esteve muito associada à educação dentro de casa, minha mãe me deixava muito a vontade para criar desenhos, esculturas, pinturas, e na maior parte das vezes ela raramente tecia comentários sobre os mesmos, assim não tinha de me preocupar com o que iria explicar sobre o que criava e para que o fazia. Meu pai era pintor também além de ter outra profissão, em sua casa em que frequentava durante os domingos ele gostava que eu e minha irmã desenhassemos nos azulejos do seu banheiro. Fazíamos os desenhos com canetas permanentes e na outra semana apagávamos e criávamos outras composições. Nessas imagens há registros de alguns desses trabalhos nos quadrantes dos azulejos.



Fig. 42- Desenhos realizados nos azulejos de um banheiro social da casa de meu pai. 24/08/1998.

Hoje me divirto ao deixar a criação fluir, tento não me cobrar nem tentar estabelecer um momento, nem uma quantidade de criações determinada de criações, só me desapegando de uma criação pretensiosa e carregada de intenções que consigo realizá-la de forma mais espontânea de livre. Mas esse fato da criação para mim ser um processo divertido e natural não exclui do fato dela ser também carregada de conflito, dor e incerteza, criar é doloroso, é um processo de muitas adversidades.

Em vários momentos da criação da série me vi confrontada com materiais sendo estragados, com dificuldades de executar as montagens, com dificuldades de encontrar materiais acessíveis financeiramente para estar utilizando em minhas criações, me vi tantas vezes indecisa do que fazer com tantos fragmentos que encontrava nas ruas, me vi frustrada com alguns testes que realizei, e me encontrei sem saber para que rumo poderia levar a minha produção, em qualquer área das artes é importante ocorrerem essas incertezas, para que o artista possa se questionar e questionar seu próprio fazer artístico e aprender a lidar com os problemas de sua trajetória na vida.

O ato da criação não vem de um nada homogêneo e absoluto, mesmo firmando-se sob um véu de névoas; o ato da criação não vem de um todo unido e global, mesmo firmando-se sob uma chuva de referências. O ato criador são recortes, são incisões, são reuniões do heterogêneo, são pinceladas de singularidades, são afirmações, são negações.” (Derdyk, 2012, 34).

Nas composições realizadas com os fragmentos das cidades, houve uma forte influência da minha primeira formação acadêmica, na Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG, em Bacharelado em Artes Gráficas na qual fui designada a lidar com a área do design gráfico e suas especificidades e de realizar trabalhos envolvendo manchas gráficas, de imagens, de composições e de distribuição dos elementos e de formas variadas em torno de determinados suportes.

As recolhas de fragmentos de lixo pelas ruas de Évora, Lisboa, Badajoz, Bruxelas e Belo Horizonte durante as caminhadas por esses sítios, eram seguidas pelo desafio da sua higienização. Graças a lixívia, detergente, escova e água, consegui limpá-los todos. Às vezes, utilizei a máquina de lavar roupa, no caso de alguns fragmentos, necessitei do sol, do aquecedor ou das correntes de vento para secá-los. Após a higienização, começava a observação dos resíduos e a criação de diálogos entre os elementos. Esse processo natural era lúdico e conflituoso. Ficava ansiosa depois de um dia de recolha, esperando que os materiais secassem rápido para experimentar as combinações de cores e texturas que imaginava precedentemente na coleta.

Não basta recolher, não basta classificá-los, enquanto cor e elemento, tem de se permitir vê-lo em sua forma ordinária e bruta. Aceitar a banalidade das embalagens, do papel cartão, dos vidros quebrados, assim como tudo aquilo que não nos serve mais.

As composições começavam a surgir no momento da coleta de materiais. Minha memória visual significativa permitia que eu guardasse imagens das peças coletadas e fizesse jogos mentais com suas características, cor, tamanho e textura. Isso desenvolveu-se espontaneamente, treinando meu olhar.



Fig. 43 - Fotografia (detalhe) de um trabalho pertencente à série, “Porque vocês não sabem do lixo Ocidental”,

O artista e educador Wassily Kandinsky em sua obra, 'Ponto, linha e plano' (p.36), realiza algumas discussões sobre o olhar de artista sobre o mundo, "Tal como o explorador que descobre novos países desconhecidos, fazemos descobertas no "quotidiano" e o meio, normalmente mudo, começa a falar-nos numa língua cada vez mais clara. Os signos mortos tornam-se símbolos vivos e o que está morto revive" (p. 36).

Não me interessa recolher objetos úteis, inteiros e usáveis. Coisas como roupas, que já encontrei aos montes nas ruas, podem servir mais a alguém necessitado do que a mim. Encontrar coisas imageticamente interessantes e perceber que alguém pode precisar delas para sobreviver numa noite fria me faz refletir, sobre o julgamento que sinto das pessoas ao me verem catando coisas da rua. Hoje, enquanto respigava, vi um casal desviando-se para o outro lado da calçada. Nessas ocasiões, sinto cansaço e solidão. Catando na rua, vi um morador de rua com seu cão, lembrando como é complicado encontrar lixo em Badajoz. Se é difícil para mim buscar por rejeitos, e para ele que precisa buscar sua sobrevivência sentado na calçada de uma rua qualquer, que precisa encontrar comida e um olhar miserável, um qualquer convaléscente, um que lhe ofereça algo além da pena, e do preconceito que lhe são ofertados ordinariamente em sua condição de habitante das calçadas.

Busquei uma parte afetiva em mim, onde os objetos e pedaços já se faziam pertencer, criando um laço com minhas entranhas. Respiro materiais que a cidade esqueceu, obsoletos, resgatando uma vida de fragmentos arqueológicos deitados fora. "As coisas têm vida própria", dizia o cigano em "Cem Anos de Solidão" de García Márquez, "tudo é questão de despertar a sua alma."



Fig. 44 - Fotografia (detalhe) de um trabalho pertencente à série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2023, Évora, Portugal.

Há semanas em que encontro muitos materiais na rua; em outras, não encontro nada. Tento organizar uma forma de cada material dialogar com os outros recolhidos. Às vezes, são cores, tipos de material, formatos ou aspetos comuns de origem ou utilidade. Mas o diálogo que crio entre eles vem do mistério das minhas associações, do meu imaginário e em parte de

minha formação como artista gráfica e principalmente da forma afetiva como os vejo.

Ver o lixo como rastro, como parte de nossa história. Papéis de balas seguidos pelas calçadas, podem indicar uma comilança de guloseimas. Encontrei recortes de papel em forma de corações vermelhos ao longo de meio quilômetro, e fiquei imaginando o que havia acontecido naquele trajeto. A rua está sempre carregada de sonhos, histórias, cansaço e solidão.

Ouço os fragmentos de madeira, plástico, papel, metal, acrílico e borracha. Objetos nus, empoeirados, pertencentes a um passado desconhecido. Recolho objetos, pedaços de objetos, embalagens, materiais de construção, de casa ou de decoração. Pedaços de faróis, brinquedos, caixas de luz, pregos, fitas VHS, tomadas, lacres de segurança, molas, fechaduras, pedaços de azulejos.

Busco resquícios de coisas sem dono, e os objetos abandonados nas ruas me chamam. Escutá-los não é simples. Desde que comecei a recolher restos nas ruas, adquiri um grito interior que me faz expressar. A arte de respigar ensina a valorizar o ato simples de olhar, de observar as ruas. Observar as esquinas revela um espaço potente de sonhos, ideias, desafios e sujeitos, mostrando que a rua é um lugar para todos, onde identidades convergem e se manifestam como seres únicos.

Desde que comecei a recolha de restos nas ruas, de alguma forma pude adquirir um grito, esse berro interior que me faz expressar. A arte de respigar proporciona aprender a valorizar o ato simples de olhar, de observar as ruas, e ao observar as esquinas é possível ver um espaço potente de fruição de ideias, de inúmeros desafios e sujeitos, assim somos capazes de reaprender que a rua é um lugar para todos, espaço para que as identidades possam se convergir e para que quaisquer sujeitos possam se manifestar e se afirmar como seres ímpares.

Como podemos criar paisagens caminhando por *las calles*? Como andar a *zozzo* se temos de fazer tantas coisas em nossos dias? Temos de tentar ser tantos outros além de nós mesmos para poder nos encaixar no mercado e tentarmos sobreviver, como ser artista, como ser altruísta.

Pelo fato de serem lixo, de estarem só no espaço, de já não pertencerem a alguém ou alguma empresa, esses fragmentos que recolho carregam um vazio, uma solidão de quem foi abandonado por alguém? Uma saudade de utilidade? Uma saudade de pertencimento? Uma significação específica?

7.1. “Porque vocês não sabem do lixo ocidental?”

Por que vocês não sabem Do lixo ocidental?
Não precisam mais temer
Não precisam da solidão
Todo dia é dia de viver (Brant, Borges, Borges, 1970)

Nomeei a produção que realizada durante pouco mais de um ano com os resíduos recolhidos nas ruas de “Porque vocês não sabem do lixo ocidental”. Essa nomeação vem de um imenso apreço que tenho por uma canção brasileira escrita no fim dos anos 60, feita por alguns integrantes do grupo musical Clube da Esquina. Essa canção é chamada, “Para Lennon e McCartney”, e os primeiros dois versos que geram essa pergunta, um dilema, e uma reflexão.



Fig. 45 - Fotografia feita durante uma caminhada pela cidade de Itambacuri, Minas Gerais, Brasil.

Como colonizador do mundo, o ocidente é que comanda as tendências das tecnologias, da moda, das ciências, ideologias e imprimiu a catequização dos extremos do mundo, que domesticou os povos selvagens, os indígenas e os apagou do globo terrestre. Animalizou os que não pertenciam à sua raça e cometeu inúmeros genocídios dos negros, sua cultura e seus ancestrais. Ele veste-se de branco, mas é com as vestes falsas de juiz que julga e condena o que está fora de sua cultura, sua pureza não permite que se abrigue em seus seios o que não pertence aos seus interesses, o que circula fora dos átrios do digníssimo Ocidente é criminalizado, marginalizado, mas o imperialismo é sempre sagrado.



Fig. 46 - Fotografia de um trabalho pertencente a série, “Porque vocês não sabem do lixo Ocidental”, 2023, Évora, Portugal.

O ocidente se recusa a ver suas ex-colônias, se recusa a considerar como tóxica as relações com o terceiro mundo, uma vez que a pobreza e miséria existentes nesses países colonizados é resultado desse lixo ocidental que dizimou e dizima as populações dos povos de minha terra. O lixo ocidental é que tem andando a provocar guerras e tantas injustiças nos extremos de nossas cidades. O Brasil, antes de ser descoberto contava com uma estrutura surpreendente entre as comunidades indígenas, eram imensos povos que estabeleciam relações com o restante da América do Sul e central, foram em sua maioria apagados por epidemias trazidas pelos ocidentais, e por assassinatos em massa das populações nativas. É esse o lixo que incomoda tanto, esse lixo, silenciado, escondido, negado.

Lô Borges, Fernando Brant e Márcio Borges os compositores da canção referida anteriormente intitularam a com nome de integrantes dos Beatles, uma forma de mencionar a esses astros do rock, que há algo de lixo na cultura, na música e no estilo de vida do ocidente. Me sinto tocada por esse verso, é algo difícil de encarar, saí do Brasil, um país subdesenvolvido, ex-colônia, marginalizado e terceiro mundo, e desde que resolvi viver aqui, desde que meu corpo se viu em solo europeu me sinto incomodada com as relações aqui estabelecidas com o passado, com suas ex-colônias. O lixo mencionado é também o que o ocidente não vê, o que ocidente se recusa em ver.

Quando penso no teu olhar, ó Brasil, lembro do que deveras já senti em teus seios, és terra, és minha mãe também, tão aconchegante aos olhares sensíveis da alma. Tenho os sonhos de minha terra. Sonho com minha terra e ela me põe nos braços, 'nina-me', e por fim, mesmo que tão distante de meus ossos, e adormeço-me, no fim sou terra mãe, ninho e colo de ninar.

Conclusão

Certamente é possível pensar no lixo de forma a mantê-lo enquanto tal, em preservar o seu status de inutilidade e rejeição. Desenvolver um trabalho que preserve o lixo enquanto herança e fragmento arqueológico, é uma tarefa que exige uma inversão dos tradicionais de ideias artísticas, algo cada vez mais necessário diante de um mundo progressivamente mais vulnerável, desigual e atingido pela injustiça e agressão à natureza.

Defender essa temática me ajudou a aprender a lutar, a ter resistência, a aperfeiçoar meu olhar para o mundo e para comigo mesma, aprendi mais sobre quem sou, e quem quero continuar a ser. Ser imigrante, mulher, artista, me ajuda a aprender a estar aberta à escuta de novas visões do mundo, de diferentes sujeitos e de diversas culturas. Foi através desta pesquisa que me vi pela primeira vez como mulher, detentora de um passado e presente de constantes lutas, não somente contra o preconceito e o patriarcado, mas contra comigo própria para que possa construir novas visões de mim mesma em contato com o mundo. Estar inserida na pesquisa, não mais como um sujeito qualquer, mas com aspetos autobiográficos me permitiu desvendar meus próprios olhos para ver uma série de incômodos e abusos com os quais já me deparei em minha trajetória. Me fez encarar, mesmo que com dor e outros sentimentos indescritíveis toda a injustiça que me transpassou e me fez acolher e me orgulhar das cicatrizes que tenho por ter enfrentado essas tribulações como uma mulher guerreira, como uma cegonha cuida de seu ninho, essa mudança me faz aceitar minha própria existência e minhas escolhas e meus passados e meus descaminhos.

O caminhar é conflituoso, começando pelo equilíbrio que temos de desafiar ao andar, os nossos pés não são rodas, nem máquinas, eles são sensíveis e se recusam a movimentar com tanta leveza, transitar é necessário para se conhecer a realidade do outro, da escolha dos calçados que têm de ser confortáveis e leves para prevenir uma torção de pés e tornozelos. Será que um dia ainda vamos poder andar mais tranquilamente pelas ruas das cidades? O caminhar como prática artística nos ajuda a repensar a arte. A arte pode estar presente em nosso cotidiano, nossos corpos necessitam, nossos corpos exaustos anseiam para que esse pensamento da arte como uma tarefa qualquer de expressão e de resistência esteja presente em nossas rotinas, em nossa forma de expressar nosso incômodo aos governos e ao capitalismo desenfreado. Nossos corpos tão desvalorizados pelo sistema carecem que a arte possa os povoar através de uma simples caminhada.

Estamos como indivíduos, como humanos que somos em confluência ao desespero da busca por lucro das grandes corporações de empresas, boa parte dos danos na natureza que são provocados pelas grandes empresas, as mesmas que escravizam pessoas na Ásia, que propõe aos trabalhadores jornadas a baixíssimo custo e tanto trabalho infantil às crianças do globo. O problema é que o futuro do nosso planeta está nas mãos dessas empresas, mesmo nossos esforços em poluir menos, reciclar e reutilizar são irrisórios quanto à manutenção da temperatura do planeta e aos avanços dos efeitos do aquecimento global uma vez que essas corporações poluem, desmatam, desperdiçam, descartam diariamente o equivalente a milhões e milhões de pessoas. Mas esse fato não anula uma necessidade latente em conscientização e educação ambiental dos sujeitos em nossa sociedade, uma vez que nossos esforços fazem juntos uma série de reparos em nossos seres e provocam mudanças coletivas significantes na vida e na construção de nossas identidades. A conservação da vida humana está em risco. É muito triste ver os governos e gestões políticas e administrativas de tantos países permitirem que crimes ambientais e humanitários sejam realizados em seus territórios.

A questão do lixo é um reflexo das escolhas sociais, econômicas e culturais ao longo da história. Desde práticas antigas até ao consumo da sociedade moderna, enfrentamos desafios que se multiplicam na gestão e impacto ambiental, desafiando os limites da Mãe Natureza, que se vêm demonstrando ao longo dos anos, o aquecimento do planeta e como ainda estamos muito longe de conseguir lidar bem com os nossos rejeitos.

O respigar pode ser considerado como uma forma de arte quando é usado criativamente para explorar temas sociais, ambientais e culturais, transformando objetos descartados em expressões visuais que provocam reflexão e engajamento com o público. Ele desafia conceitos tradicionais de beleza e valor artístico, ampliando o entendimento do que pode ser considerado arte na contemporaneidade. Em suma, o respigar pode chamar a atenção para a importância de se explorar as potencialidades dos materiais encontrados no ato de respigar, incentivando assim um debate crucial sobre consumo e descarte consciente do lixo que produzimos.

A assemblagem é para meu fazer artístico uma alternativa que meu corpo acolheu, uma forma de expressar meu apreço em adotar objetos, fragmentos e seus restos, não é apenas uma técnica artística, mas também uma linguagem da rutura com as normas estabelecidas, de um descontentamento da mercantilização de toda a arte. É também uma resistência, um manifesto a favor da criatividade e da liberdade de expressão. Seu surgimento nos movimentos vanguardistas do século XX, está profundamente enraizado na luta contra a guerra, contra a industrialização e manifestando o medo do homem contra ele mesmo, um sentimento muito parecido com o que

estivemos e estamos a vivenciar nos últimos anos, a pandemia do COVID19, o estabelecimento de tantas guerras, a disseminação dos governos extremistas de direita por todo o mundo, situações que colocam nossos corpos e mentes em alerta.

A realização desta pesquisa é possível graças a uma generosidade da incerteza da vida, e a graciosidade com que a vida me proporcionou de ser artista e de a cada dia me redescobrir como tal e amenizar assim a dureza da vida e das intempéries de nossas tantas faltas e ausências. Esse trabalho convida ao olhar sobre a arte um pouco de ousadia e uma série de direcionamentos com que é possível seguir o trabalho e a pesquisa em arte. Minha alegria foi imensa em poder realizá-la, apesar dos pesares em estar dedicando esse tempo a essa produção artística autoral voltada para a assemblagem e para o uso do lixo como matéria-prima. Espero que possam ainda surgir inúmeros artistas a dedicarem-se à prática de ressignificar os resíduos, esses que tanto preocupam e agridem indescritivelmente o nosso ecossistema.



Fig.48- Fotografia de um trabalho pertencente a série, “Porque vocês não sabem do lixo Ocidental”, 2023, Évora, Portugal

Bibliografia

Artigos | Teses

Silva, C. de A. (2006). *Hélio Oiticica - arte como experiência participativa* (Dissertação de mestrado, Centro de Estudos Gerais, Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense). Recuperado de

Experiências no labirinto: linguagens, conhecimentos e subjetividades Sônia Maria Clareto, Margareth Sacramento Rotondo ZETETIKÉ – FE – Unicamp – v. 18, Número Temático 2010 589

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/download>

D' Angelo, M. (2006). A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin. Estudos Avançados. <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-14042009-190858/publico/ferreira-paulonin.pdf>

Wójtowicz, E. (2016). Comendo da lata do lixo da ideologia. Recuperado de <http://theprotocity.com/eating-trash-can-ideology/>

Biondillo, R. Walter Benjamin e os caminhos do flâneur, São Paulo, 2014. <https://repositorio.unifesp.br/server/api/core/bitstreams/928cc04f-2423-4387-8767-c80c3ff31e57/content>

Ferreira, P. O espírito das coisas. *Revista Nova América*, Recuperado de <https://periodicos.ufjf.br/index.php/nava/article/view/32285/21375>

Madeira, A. Colagem e assemblage: algumas considerações. Recuperado de https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/375003/mod_resource/content/0/Carneiro_Feminismo%20negro.pdf

Carneiro, S. (n.d.). Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Recuperado de https://www.gewebe.com.br/pdf/cad13/caderno_06.pdf

Fonteles, P., & Lima, J. (2012). O observador dos panoramas e o flâneur: Reflexão sobre a obra Paris, a capital do século XIX de Walter Benjamin. *ARS (São Paulo)*. <https://doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2012.64418>

Queiroz, B. M. de. (n.d.). Hélio Oiticica: Quasi-Cinema Não Narrativo. *PPGCOM ECO

UFRJ*. Recuperado de https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/2014-eixo2_6_helio_oitica_quasi_cinema_naonarracao.pdf

Lima, S. L. M (2022). Re-usina: A resignificação dos resíduos sólidos Manaus
. https://riu.ufam.edu.br/bitstream/prefix/6313/3/TCC_ShalimarLima.pdf

Araújo, M. E. M. de. (2006). Corantes naturais para têxteis – da Antiguidade aos tempos modernos / Natural dyestuffs from Antiquity to modern days. Lisboa https://arp.org.pt/revista_antiga/pdf/3-4_4.pdf

Valente, S. M. G. da R. (2013). Hábitos privados, práticas públicas: O lixo no quotidiano (Tese de doutorado, Universidade de Lisboa). Universidade de Lisboa, Repositório Institucional. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/8922/1/ulsd066247_td_tese.pdf

DE BITENCOURT, M. A. S.I.S.T.E.M.A. Z.E.R.O. ou Situações Investigadas e/ou Suspensas Tensionadoras de Experiências, Movimentos e Atividades das Zonas Erráticas de Ressonância E/Ou Observações. Ouvir OUver, [S. l.], v. 19, n. 1, [s.d.] <https://seer.ufu.br/index.php/ouvirou-ver/article/download/65467/36758/319660>

Livros

Anzaldúa, G. (1987) *Borderlands/La Frontera*. São Francisco: Spinsters/ Aunt Lute.

Baudelaire, C. (1996). **Sobre a modernidade**. Coleção Leitura. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Bandeira, M. (2001). O Bicho. Em *Estrela da Vida Inteira* (p. 45). Editora Nova Fronteira.

Barros, M. de (1993). *O livro das ignorâncias*. Record.

Bauman, Z. (2008). *Vida Para Consumo: A Transformação das Pessoas em Mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar.

Beauvoir, S. (1980). *O Segundo Sexo: A Experiência Vivida*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1980

Benjamin, W. (1995) *Rua de Mão Única - Obras escolhidas Volume III*. 5ª. ed. São Paulo: Brasiliense.

Bolle, W. (2020) *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo: EDUSP.

Bourgeois, L. (1998). *Destruction of the Father Reconstruction of the Father Writings and Interviews 1923-1997*. Violette Editions.

Benjamin, W. (1999) *The Return of the Flâneur Selected Writings II 1927- 1934*. Trans. Rodney Livingstone et al, 1st ed. Eds. Michael W. Jennings, Howard Eiland, and Gary Smith. Cambridge, MA: Harvard

Campos, H. (1969). Kurt Schwitters ou o júbilo do objeto. In: Campos, H. *A arte no horizonte do provável*. São Paulo: Ed. Perspetiva.

Césaire, A. (2021). *Discurso sobre o colonialismo* (S. L. P. de Oliveira, Trad.). Editora Vozes. (Trabalho original publicado em 1950)

Certeau, M. de. (2001). *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Tradução de Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 6. ed. Petrópolis: Vozes.

Corbin, A. (1987). *Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX*. São Paulo Companhia das Letras.

Craig, B. (2008). *Collage: assembling contemporary art*. S/l: Black Dog Publishing.

De Holanda H. B. (2018). *Explosão Feminista: arte, cultura, política e universidade*. Companhia das Letras, São Paulo.

DeLANDA, M. (2021). *Assemblage theory*. São Paulo: Ubu.

DERDYK, Edith. *Linha de horizonte*. São Paulo: Intermeios, 2012.

Eigenher, E. M. (2009) *Lixo: A limpeza urbana através dos tempos*. Porto Alegre: S. Lobo. Freitas, T. T. (2019).

García Márquez, G. (1967). *Cem anos de solidão*. Record. Gros, F. (2020). *Caminhar, uma filosofia*. São Paulo: Ed.29.

Heráclito de Éfeso. (1973). *Heráclito de Éfeso. Os pré-socráticos*. São Paulo: Editora Abril.

Harrison, H. M., & Harrison, N. (2016). *The time of the force majeure: After 45 years counterforce is on the horizon*. Prestel.

Kandinsky, W. (1970) Ponto e Linha sobre o Plano. Tradução de José Eduardo Rodil. São Paulo: Martins Fontes.

Kopenawa, D.; Albert, B. (2015) A queda do céu. Palavras de um xamã Yanomami Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras.

Lispector, C. (1998) Felicidade clandestina. Rio de Janeiro: Rocco.

Marcondes, D. (2000). Textos básicos de filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 3.Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor

Mies, M., & Shiva, V. (1993). Ecofeminism. Fernwood Publications; Zed Books, Halifax, N.S., London

Orchard, Karin. Kurt Schwitters. (2007). Vida e obra. In: Catálogo da exposição organizada pelo Sprengel Museum Hannover. O artista Merz. Catálogo da exposição na Pinacoteca do Estado de São Paulo.

Pêgo, A., & Martins, I. M. (2019). Plasticus Maritimus - Uma espécie invasora: Planeta Tangerina. Quental, J. (2009).

POE, E. A. (1993) O Homem da multidão. Tradução de Dorothée de Bruchard. Edição Bilíngue. Porto Alegre: Paraula.

Ribeiro, D. (2017) O que é lugar de fala? Belo Horizonte. Editora Letramento.

Santos, T. D. L. B. (2017). KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu. Palavras de um xamã Yanomami. Revista Habitus - Revista Do Instituto Goiano De Pré-História E Antropologia,

Wolfram, E. (1975). History of Collage: An Anthology of Collage, S/I: Publisher. Studio Vista

Páginas da web

Universidade Federal de Minas Gerais. (n.d.). História do lixo e do saneamento. Recuperado de <https://www.ufmg.br/proex/geresol/lixohistoria.htm>

Araújo, M. E. M. de. (n.d.). Corantes naturais para têxteis da Antiguidade aos tempos modernos. *Revista Antiga*, Número do volume (se aplicável), Número da edição (se aplicável), Página inicial-final do documento. Recuperado de https://arp.org.pt/revista_antiga/pdf/3-4_4.pdf

Freire, P. (2008, Setembro 2). Encontro com Paulo Freire [Vídeo]. YouTube. <https://www.you->

tube.com/watch?v=5yRyAXPXHmA&t=0s

Museu Bispo do Rosário. (n.d.). Arthur Bispo do Rosário. Recuperado de <https://museubispodorosario.com/arthur-bispo-do-rosario/>

Itaú Cultural. (n.d.). Hélio Oiticica. Enciclopédia Itaú Cultural. Recuperado de <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa48/helio-oiticica>

eBiografia. (n.d.). Hélio Oiticica. Recuperado de https://www.ebiografia.com/helio_oiticica/

Mulheres na Filosofia. (n.d.). Ecofeminismos. *Mulheres na Filosofia*. Recuperado de <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/ecofeminismos/>

<https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/17422/UFF-Dissert-CinaraSilva.pdf?sequence=1>

Certeau, M. de. (2010). *A Invenção do Cotidiano*. Recuperado de <https://gambiarre.files.wordpress.com/2010/09/michel-de-certeau-a-invencao3a7c3a2o-do-cotidiano.pdf>

<https://www.theartstory.org/artist/millet-jean-francois/>

The Museum of Contemporary Art. (n.d.). Assemblage [Vídeo]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=alCiumy8tjE&ab_channel=TheMuseumofContemporaryArt

Vídeos | Filmes

Furtado, J. (Diretor). (2007). Saneamento Básico. Casa de Cinema de Porto Alegre. Huracán Filmes & Casa Rosa Filmes (2019). Huracán Filmes, Casa Rosa Filmes.

Muniz, V. (2010) Lixo

Fontes de Imagem

Fig. 2 – Escultura de Arthur Bispo do Rosário, Sem Título [Grande veleiro], Montagem, carpintaria, escrita, revestimento, bordado, costura, pintura e perfuração. Acedido em julho de 2024 em <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra71628/sem-titulo-grande-veleiro>

Fig. 3 - Agnès Varda, *Glaneurs and I*, 2000. Acedido em julho de 2024 em <https://palavras-decinema.com/2019/11/18/os-catadores-e-eu-de-Agnès-varda/>

Fig.4 - Figura 4 -Jardim Gramacho, cena capturada do filme *Lixo Extraordinário*, 2010.

<https://portalresiduossolidos.com/documentario-lixo-extraordinario/>

Fig.5 - Hélio Oiticica buscando peças de asfalto na Av. Presidente Vargas, Rio de Janeiro, 1978. (foto Andreas Valentin). Acedido em julho de 2024 em <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/133594/135030>

Fig. 28- “As Respigadoras”, 1857, Jean-François Millet. Acedido em julho de 2024 em

https://pt.wikipedia.org/wiki/As_Respigadoras_%28Millet%29

Música

Titãs. (1987). *Comida*. No álbum *Jesus não tem dentes no país dos banguelas* [Gravação de música]. WEA Discos.



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

COLÉGIO DOS LEÕES

MESTRADO EM PRÁTICAS
ARTÍSTICAS EM ARTES VISUAIS

MESTRANDA ARTISTA
BEL MORADA/ISABEL GUEDES

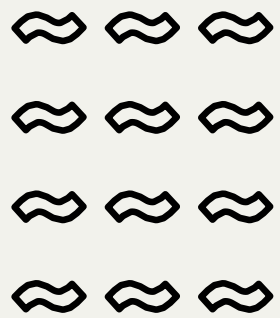
PORQUE
VOCÊS ~~ON~~
SABEM
L ~~~~~ DOO
I ~~~~~
X ~~~~~
~~O~~CIDENTA



WORLD

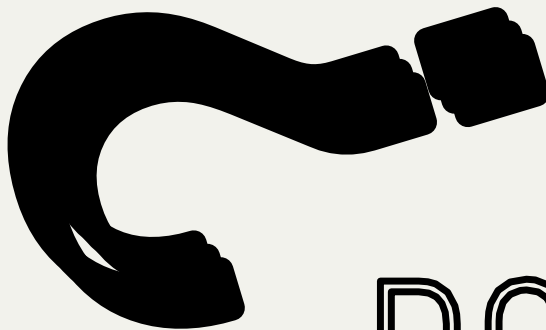
OWN

SABEM

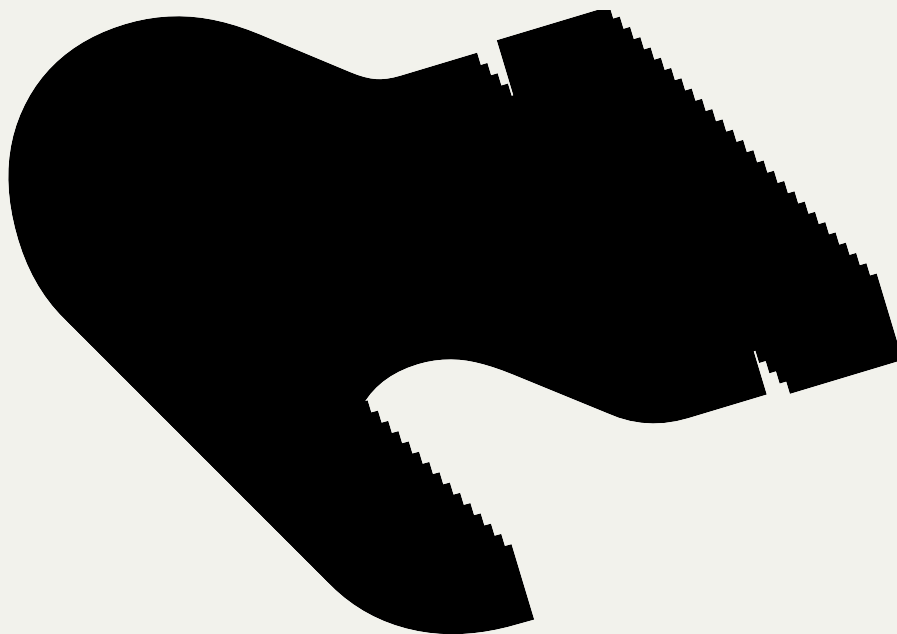


L
T
X
O

~~CIDENTAL~~



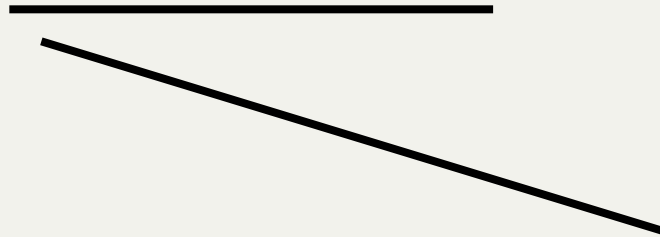
DO



Esse é um anexo do relatório da mestranda em Práticas Artísticas em Artes Visuais, pela Universidade de Évora, pela aluna Isabel Guedes.

Este contém um arquivo de fotografias das obras da artistas feitas com materiais encontrados nas ruas de diversas cidades, esses fragmentos estão compostos por um imaginário cheio de amor pela expressão artística gráfica de cores, texturas e volumes, destacando o potencial desses materiais e da urgencia de pensa-los também como possibilidades de material artístico.

A fotografia se faz necessária é parte da obra da artista, é registro de uma fração de segundos que não voltam mais, uma vez que essas composições são muito sensíveis ao tempo, e pelas interpéries da vida.



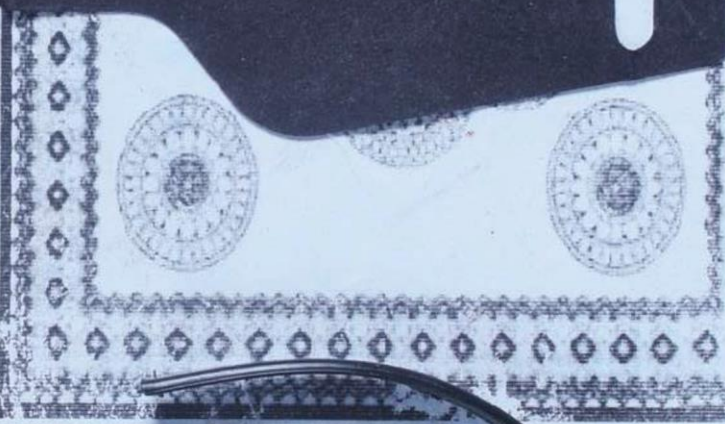


Fotografia de um trabalho
pertencente a série, "Porque vocês
não sabem do lixo Ocidental", 2023,
Évora, PT.



Fotografia de um trabalho pertencente a série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2023, Évora, PT.

WAV



Español: Sientate suave
 GR: Todorres Zelopdv
 HU: Celofan Tásak
 SK: Celofanové Vrečka
 PL: Torby Celofanowe
 RS: Lenofancke Kece
 Bolsas de celofan
OPP
 7x10 cm
 40 pcs



6S9017Z-:l3cf

Kmt Style



REF:24
JWIII

VIRUCCI

Sacchetti di cellophane Bolsas de celofan M,II.MIOPP
 ImCellophane Bags. GB WenocpaHcKe Kece Made
 IID Sacos De Celofane mTorby Celofanowe
 mS:(re: r.ollnhh mn b!l.....C.

M-rkttlod In thl Eutti n Union by Ot
 Union EurOPod po, WprouM-tidov
 our Jsktt-J pr101 Eu,oM,1stur Imp E,/>-S
 V

Fotografia de um trabalho pertencente a série, “Porque vocês não sabem do lixo Ocidental”, 2023, Évora, PT.

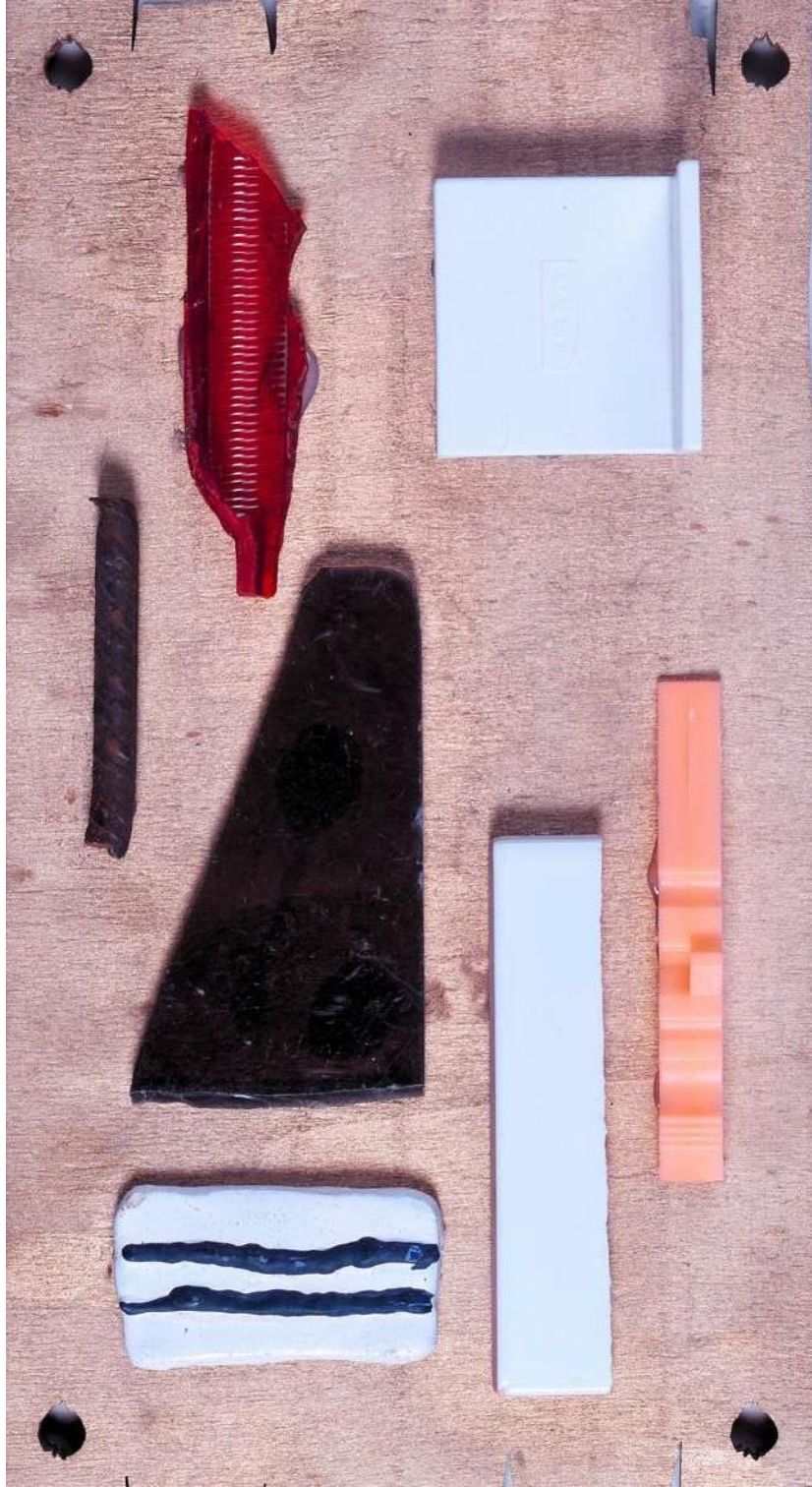




Fotografia de um trabalho pertencente a série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2023, Évora, PT.

Fotografia de um trabalho
pertencente a série, "Porque
você não sabe do lixo
Ocidental", 2023, Évora, PT.

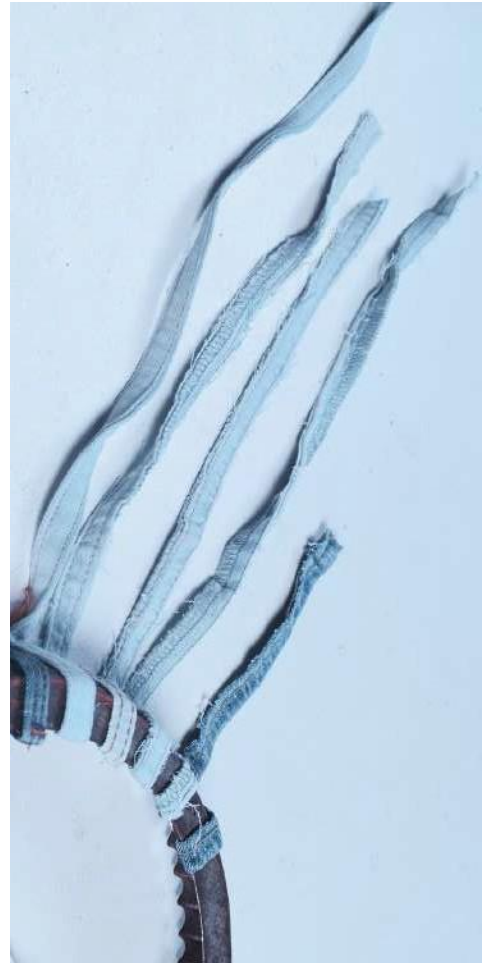




Fotografia de um trabalho pertencente a série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2023, Évora, PT.

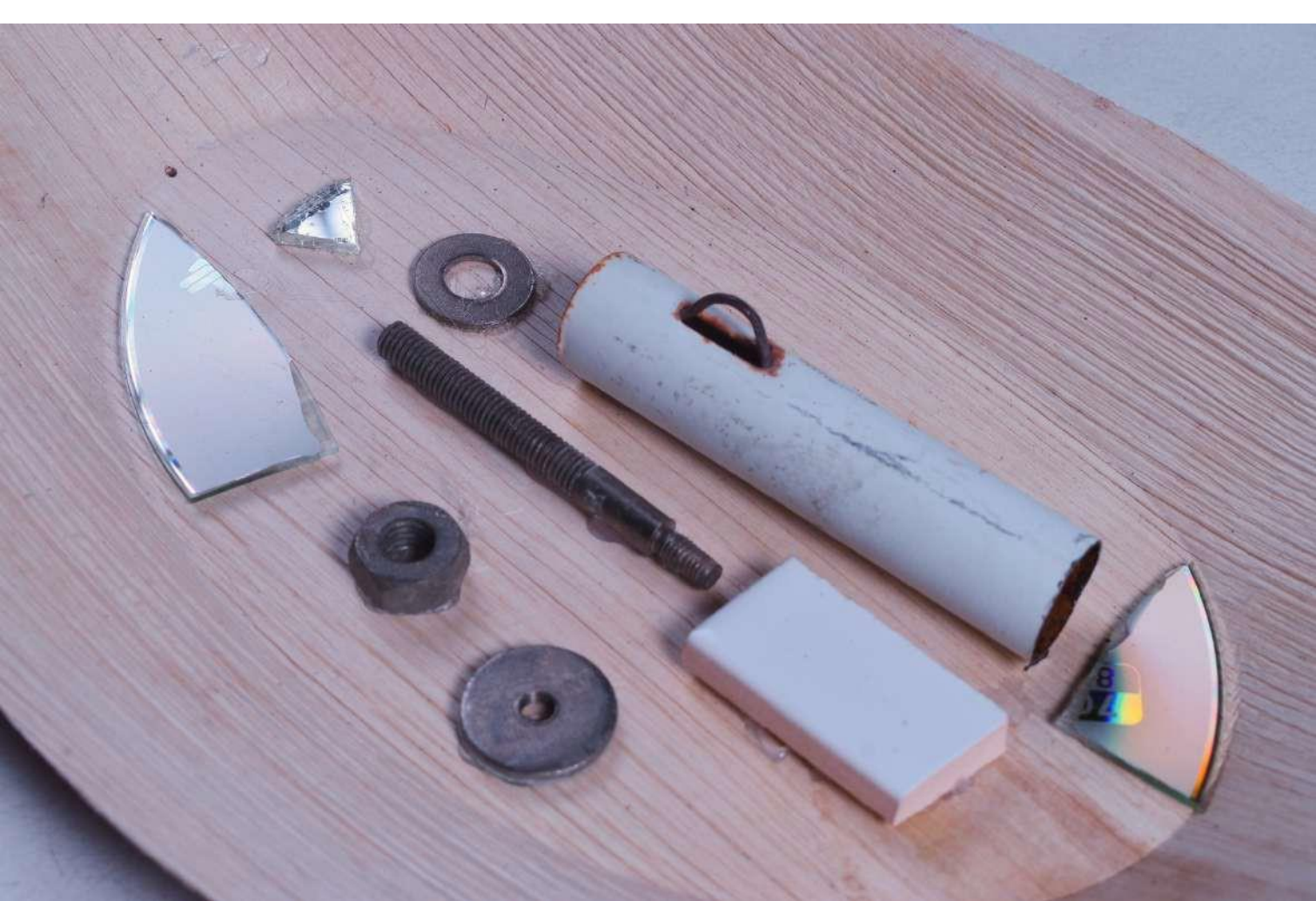


Fotografia de um trabalho pertencente a série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2023, Évora, PT.





Fotografia de um detalhe
de um dos trabalhos
pertencente a série,
“Porque vocês não sabem
do lixo Ocidental”, 2023,
Évora, PT



Fotografia de detalhes de um dos trabalhos pertencente a série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2023, Évora, PT





Fotografia de um trabalho pertencente a série, “Porque vocês não sabem do lixo Ocidental”, 2023, Évora, PT.



Fotografia de detalhes de um dos trabalhos pertencente a série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2023, Évora, PT



Fotografia de um trabalho pertencente a série, “Porque vocês não sabem do lixo Ocidental”,
2023, Évora, PT.



Fotografia de um trabalho pertencente a série, “Porque vocês não sabem do lixo Ocidental”, 2023, Évora, PT.



Fotografia de um trabalho pertencente a série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2023, Évora, PT.



Fotografia de um trabalho
pertencente a série,
“Porque vocês não sabem
do lixo Ocidental”, 2023,
Évora, PT.



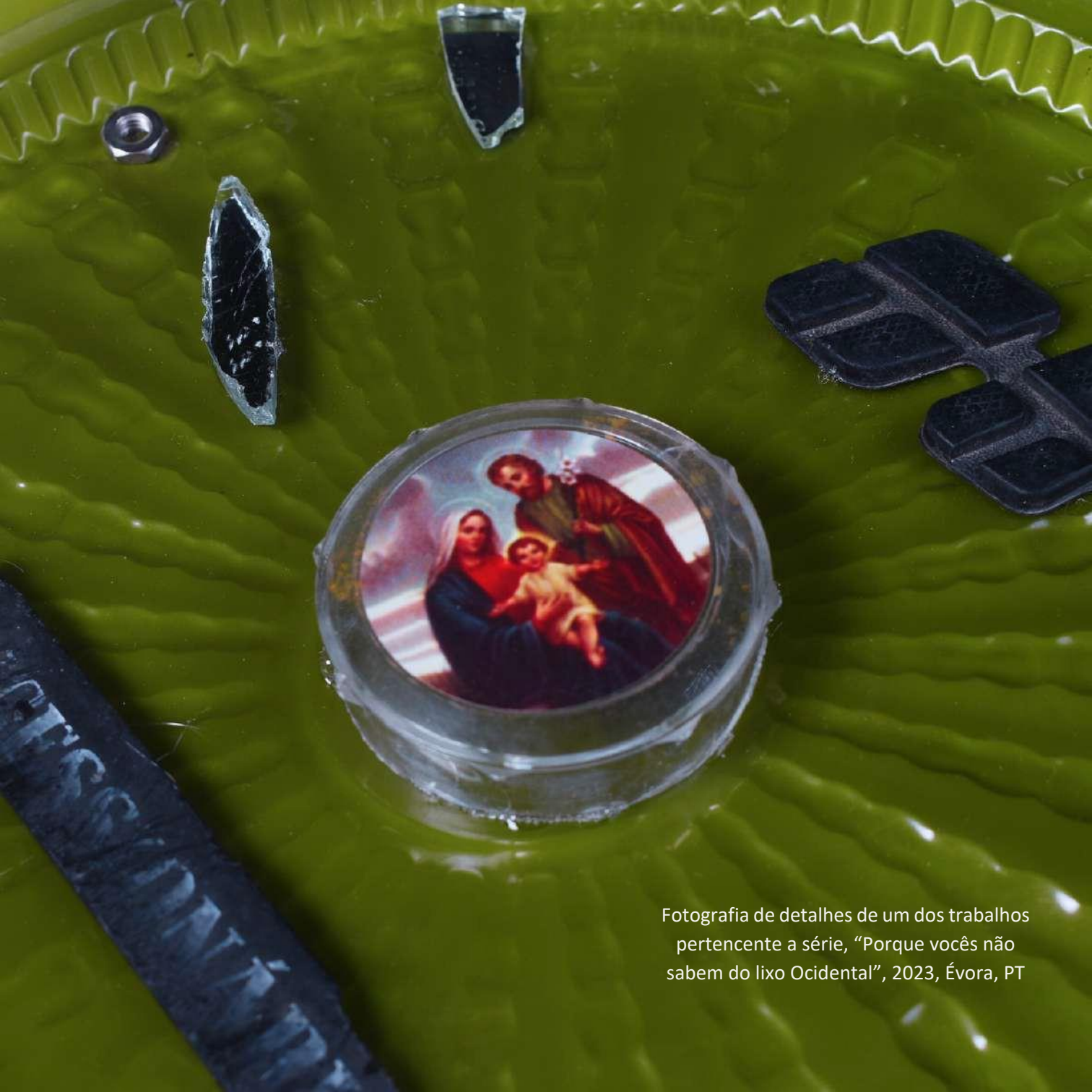
Fotografia de um trabalho pertencente a série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2023, Évora, PT.

Fotografia de detalhes de um dos trabalhos
pertencente a série, "Porque vocês não
sabem do lixo Ocidental", 2023, Évora, PT





Fotografia de um trabalho
pertencente a série, "Porque
vocês não sabem do lixo
Ocidental", 2023, Évora, PT.



Fotografia de detalhes de um dos trabalhos
pertencente a série, "Porque vocês não
sabem do lixo Ocidental", 2023, Évora, PT



Fotografia de um trabalho pertencente a série, “Porque vocês não sabem do lixo Ocidental”, 2023, Évora, PT.



Fotografia de um trabalho
pertencente a série, "Porque
você não sabem do lixo
Occidental", 2023, Évora, PT.



Fotografia de detalhes de um dos trabalhos
pertencente a série, "Porque vocês não sabem do
lixo Ocidental", 2023, Évora, PT



Fotografia de detalhes de um dos trabalhos pertencente a série, “Porque vocês não sabem do lixo Ocidental”, 2024, Badajoz, Espanha.





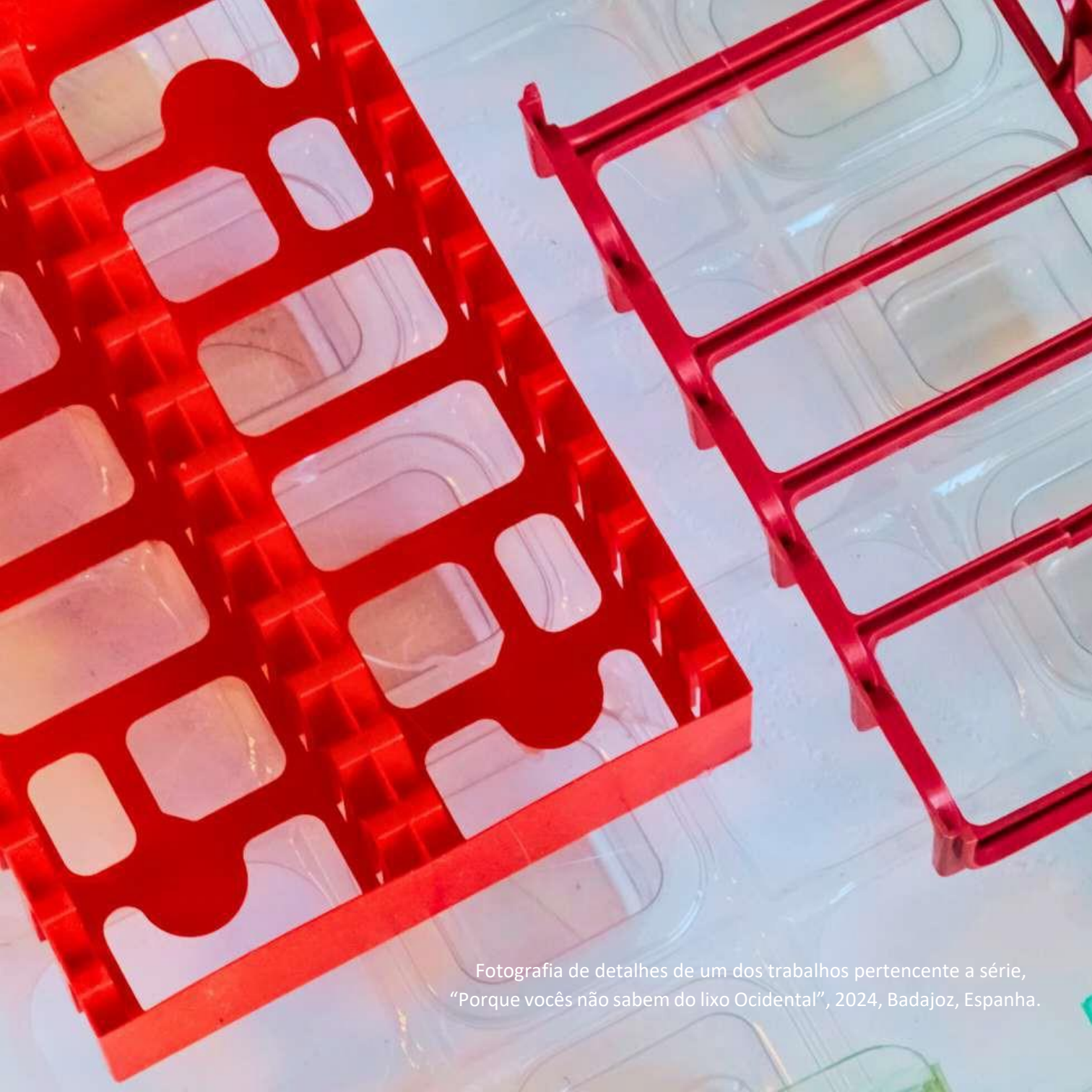
Fotografia de detalhes de um dos trabalhos pertencente a série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2024, Badajoz, Espanha.



Fotografia de detalhes de um dos trabalhos pertencente a série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2024, Badajoz, Espanha.



Fotografia de um dos trabalhos pertencente a série, “Porque vocês não sabem do lixo Ocidental”, 2024, Badajoz, Espanha.



Fotografia de detalhes de um dos trabalhos pertencente a série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2024, Badajoz, Espanha.



Fotografia de detalhes de um dos trabalhos pertencente a série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2024, Badajoz, Espanha.



Fotografia de detalhes de um dos trabalhos pertencente a série,
"Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2024, Badajoz, Espanha.



Fotografia de detalhes de um dos trabalhos pertencente a série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2024, Badajoz, Espanha.

Fotografia de detalhes de um dos trabalhos pertencente a série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2024, Badajoz, Espanha.



2013002



WearBack
8209010 - 10

Foo1 Foo2 Goo1 Goo2 Goo3 Goo4 Goo5 Loo1 Loo2 Loo3 Loo4 Roo1 Roo2 Roo3 Roo4 Roo5 Roo6 Roo7

GREENIK
COSMETICS



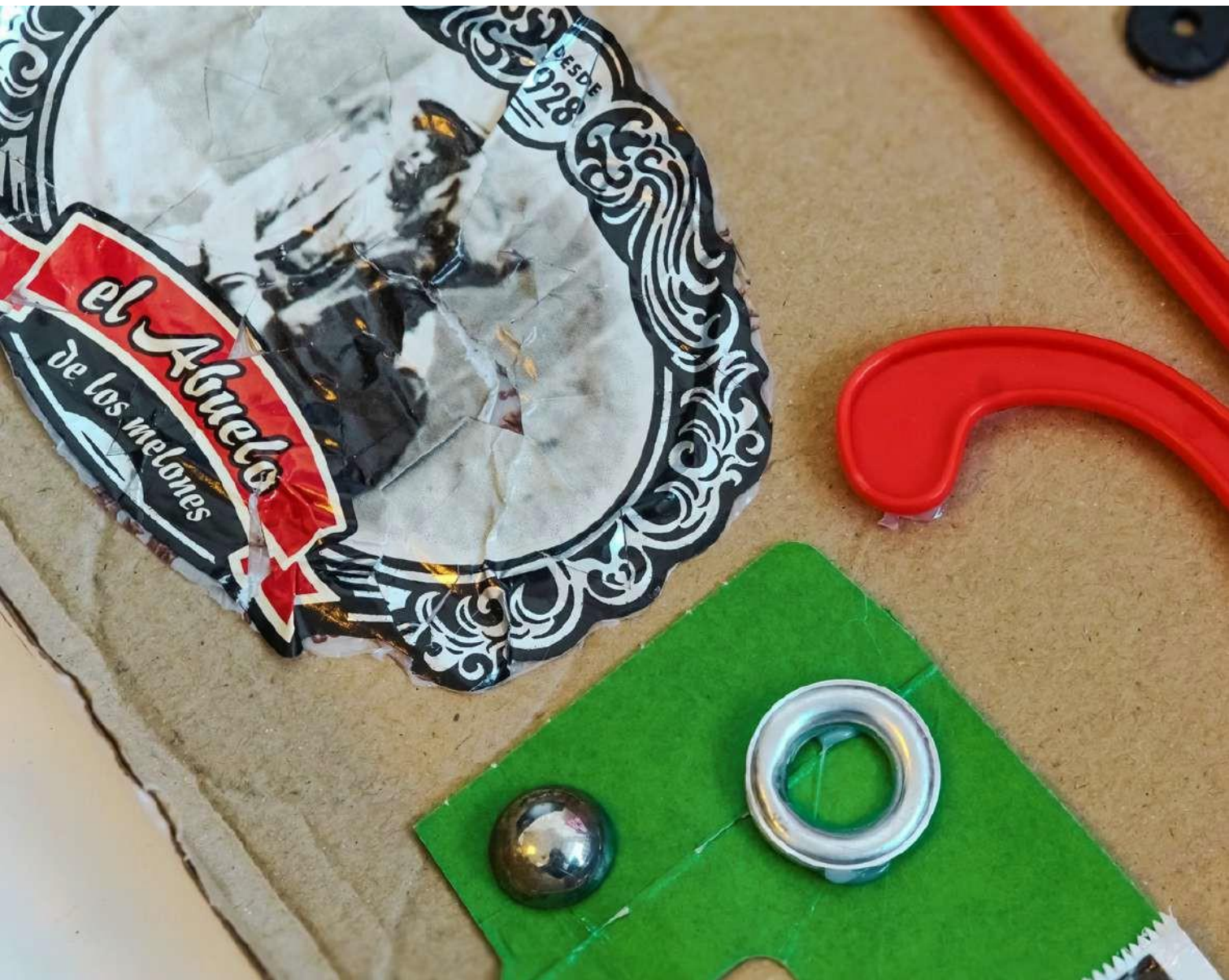
Fotografia de detalhes de um dos trabalhos pertencente a série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2024, Badajoz, Espanha.

Fotografia de detalhes de um dos trabalhos pertencente a série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2024, Badajoz, Espanha.



Fotografia de detalhes de um dos trabalhos pertencente a série, “Porque vocês não sabem do lixo Ocidental”, 2024, Badajoz, Espanha.





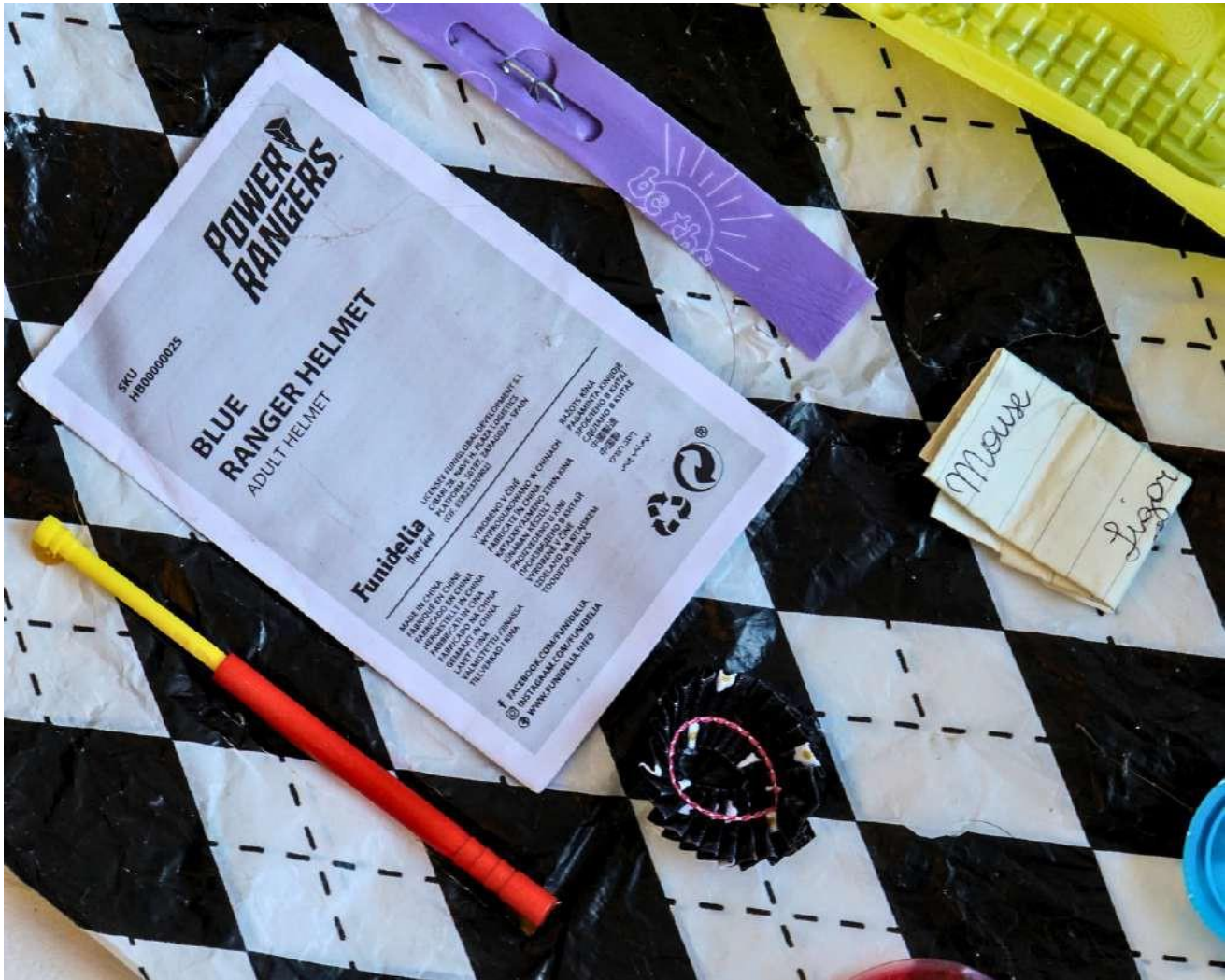
Fotografia de detalhes de um dos trabalhos pertencente a série, “Porque vocês não sabem do lixo Ocidental”, 2024, Badajoz, Espanha.



Fotografia de detalhes de um dos trabalhos pertencente a série, “Porque vocês não sabem do lixo Ocidental”, 2024, Badajoz, Espanha.

Fotografia de um dos trabalhos pertencente a série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2024, Badajoz, Espanha.





Fotografia de detalhes de um dos trabalhos pertencente a série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2024, Badajoz, Espanha.



Fotografia de detalhes de um dos trabalhos pertencente a série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2024, Évora, Portugal



Fotografia de detalhes de um dos trabalhos pertencente a série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2024, Faro, Portugal.

Fotografia de detalhes de um dos trabalhos pertencente a série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2024, Évora, Portugal.





Fotografia de detalhes de um dos trabalhos pertencente a série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2024, Évora, Portugal.

Fotografia de detalhes de um dos trabalhos pertencente a série,
“Porque vocês não sabem do lixo Ocidental”, 2024, Faro, Portugal.





Montagem feita com fotografias de detalhes de um dos trabalhos pertencente a série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2024, Badajoz, Espanha.

Fotografia de detalhes de um dos trabalhos pertencente a série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2024, Évora, Portugal.



Fotografia de detalhes de um dos trabalhos pertencente a série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2024, Évora, Portugal.



Fotografia de detalhes de um dos trabalhos pertencente a série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2024, Évora, Portugal.





Fotografia de detalhes de um dos trabalhos pertencente a série,
"Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2023, Évora, Portugal.

Fotografia de detalhes de um dos trabalhos pertencente a série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2023, Évora, Portugal.





Fotografia de detalhes de um dos trabalhos pertencente a série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2023, Évora, Portugal.



Fotografia de detalhes de um dos trabalhos pertencente a série, "Porque vocês não sabem do lixo Ocidental", 2023, Évora, Portugal.

As fotografias a seguir foram tiradas nas ruas Évora durante o ano de 2023. Registrando o lixo nas ruas, detalhes do que o que fora encontrado elas ruas. é o contato com o inesperado, oo outro, a rua e sua aspereza.





Os filhos de fumadores têm 7 vezes mais propensão para fumar

Para deixar de fumar:
808 24 24 24 ou www.dgs.pt

Winston



PLÁSTICO

NHP



O fumo do tabaco causa cancro.
Mais de 70 substâncias cancerígenas.

A VERDADEIRA
QUALIDADE
COMEÇA COM
A FUMAR

Winston
MAXI 100s

PREMIUM TOBACCO
SINCE 1854

Fumar mata

26







Fumar provoca
a obstrução das
artérias

Para deixar de fumar:

808 24 24 24 ou www.dgs.pt



HDCQC544

20 CIGARROS
CLASSE A

Fumar
deixe já



PREMIUM TOBACCO
100% TOBACCO

Winston

MADE 100s 20







Fumar pode matar o seu
filho antes de ele nascer

Para deixar de fumar:
808 24 24 24 ou www.dgs.pt

REPO

6

FUMAR



JOHN
LAYER
SPECIAL



FRE-11

20
CIGARRO

O fumo de tabaco
contém mais de





Fumar provoca
cancro da boca e da
garganta

Para deixar de fumar:
808 24 24 24 ou www.dgs.pt

O fumo do tabaco

mar mata -

CAMEL
ACTIVATE























XXXXXXXXXXXX
X5128

Fumar reduz

a af
de

Para de
OS

PORTU

t. base
mais de

